

Afirmativa

plural

Ano 9 • N 43 • AFROBRAS, SEM EDUCAÇÃO NÃO HÁ LIBERDADE

Negros no Direito

Formandos de Direito da Faculdade Zumbi dos Palmares.



Baixe um leitor de
QR Code em seu celular
e aproxime o telefone
do código ao lado.

Fone Fácil Bradesco: 4002 0022 / 0800 570 0022
SAC - Alô Bradesco: 0800 704 8383
SAC - Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099
Ouvidoria: 0800 727 9933

bradesco.com.br

@Bradesco

Curtir facebook.com/Bradesco

www.cannibales.com.br
Credito sujeito a aprovação.
www.cannibales.com.br

CRÉDITO CONSIGNADO

INVESTIMENTOS



BRADESCO. ONDE VOCÊ ESTIVER, SOB MEDIDA, EM TODAS AS MODALIDADES.

O Bradesco tem tudo o que você precisa de um banco, seja qual for o seu perfil. Esteja onde estiver, você sempre vai ter ao seu dispor a mais completa linha de investimentos, cartões de crédito, financiamentos, seguros e previdência. O Bradesco está sempre lado a lado com você. Agora é hora de abrir uma conta no Bradesco.

Agora é BRA. BRA de Brasil. BRA de Bradesco.
Patrocinador oficial dos Jogos Olímpicos Rio 2016™.

PATROCINADOR OFICIAL



Bradesco



TM Rio 2016 | Todos os direitos reservados.

CARTÕES

CRÉDITO

SEGUROS E
PREVIDÊNCIA



Bradesco

Entrevista Especial	
Novas parcerias	8
Internacional	
Faculdades e Universidades historicamente negras nos EUA – Jason McCracken	14
Congraçamento Zumbi & New York University	16
Formatura Direito	
Marco Histórico	18
Afirmativo	
Negros e o direito – José Vicente	56
Opinião	
Luiz Gama, um grande brasileiro. De fato e de direito Rosenildo Gomes Ferreira	58
Educação	
Tempos de educação, ética e participação – Maria Alice Setúbal	60
Cidadania	
As armas e as cotas – Luiz Felipe de Alencastro	62
Turismo	
Wadadli e Wa’Omoni, pedaços do paraíso na Terra	68
Preto e Branco	
Gabrielle Douglas	74

Índice

Afirmativa Plural é uma publicação da Afrobras – Sociedade Afro Brasileira de Desenvolvimento Sócio Cultural, Centro de Documentação, através da: Editora Unipalmares Ltda. • CNPJ nº 08.643.988/0001-52 • Com periodicidade bimestral • Ano 9 • Número 43 • Av. Santos Dumont, 843 • Bairro Ponte Pequena • São Paulo-SP – Brasil CEP 01101-080 • Tel. (55 - 11) 3325-1000 • www.afrobras.org.br

CONSELHO EDITORIAL: José Vicente • Francisca Rodrigues • Cristina Jorge • Nanci Valadares de Carvalho • Humberto Adami • Sônia Guimarães.

DIREÇÃO EDITORIAL E EXECUTIVA: Jornalista Francisca Rodrigues (Mtb.14.845 - francisca@afrobras.org.br).

FOTOGRAFIAS: J. C. Santos e Divulgação.

COLABORADORES: Rejane Romano, Eliane Almeida, Daniela Gomes.

PUBLICIDADE: Maximagem Mídia Assessoria em Comunicação Tel. (11) 3325-1000.

CAPA: Foto de J. C. Santos

EDITORAÇÃO: Alvo Propaganda e Marketing (revistas@alvopm.com.br) • Tel. (11) 4325-0605.

Orgulho de ser Zumbi

No último dia 14 de setembro comemoramos mais uma vitória da Faculdade Zumbi dos Palmares e do negro brasileiro: formamos a primeira turma do curso de Direito. Não foi uma simples formatura, uma colação de grau comum. A Formatura dessa primeira turma de Direito formou uma mesa de autoridades e personalidades ícones do Direito, da Educação, de instituições financeiras e de outros segmentos representativos da economia brasileira, nunca antes vista.

A primeira turma contou com a presença de

fim, foi uma grande festa e uma grande conquista de todos os alunos, pais e amigos que auxiliaram nesses cinco anos do curso. E como disse o vice-presidente do Brasil, Michel Temer, durante a colação de grau, “aconselho a estes formandos que tenham orgulho por ter se graduado na Faculdade Zumbi dos Palmares, empreendimento que tem a função integradora da raça negra na sociedade brasileira”. A todos, parabéns e nosso obrigado.

Nesta edição da *Afirmativa Plural* trazemos também entrevistas com representantes de algumas

personalidades ilustres como patronos e paraninhas: Michel Temer, Vice-Presidente do Brasil, Carlos Ayres Britto, Presidente da Suprema corte, Geraldo Alckmin, Governador de São Paulo, Aloízio Mercadante, ministro da Educação, José Eduardo Cardozo, ministro da Justiça, Massami Uyeda, ministro do STJ e Benedita da Silva, ex-governadora do Rio de Janeiro e Deputada Federal, entre outras autoridades que trabalharam juntas para fazer com que o curso de Direito da Zumbi fosse e seja diferenciado. Pessoas que ajudaram a empregar nossos alunos, a dar-lhes uma oportunidade de trabalho e de conviver no meio em que já iriam atuar. En-

das HBCU, universidades historicamente negras norte-americanas, que visitaram a Zumbi com o objetivo de fechar convênios entre as instituições, o que beneficiará alunos e professores de ambos os países.

Além disso, um passeio turístico por Antígua e Barbuda, país independente, de colonização inglesa e de população predominantemente negra.

Boa leitura!

Francisca Rodrigues,
Editora Executiva.

ditorial

GREY

Mercedes-Benz, marca do Grupo Daimler.



Respeite a sinalização de trânsito.



Na Mercedes-Benz, as diferenças fazem toda a diferença.

Para nós, a diversidade é essencial. A mistura de pessoas, culturas e crenças dentro da empresa contribui para a excelência. Quanto mais pontos de vista diferentes, mais ideias inovadoras. Na Mercedes-Benz, todos são um só e possuem um objetivo em comum: a qualidade acima de tudo.



Mercedes-Benz

novas parcerias

*Por Daniela Gomes

Aliança entre Zumbi e universidades negras americanas cria novas oportunidades para os alunos

Desde sua criação a Faculdade Zumbi dos Palmares teve como principal inspiração as Faculdades e Universidades historicamente negras (*Historically Black Colleges and Universities – HBCUs*) norte-americanas, instituições que tiveram um papel fundamental na inclusão dos afro-americanos na sociedade e que fazem parte do currículo de diversos nomes de sucesso naquele país.

Após receber a visita de diversas faculdades, chegando inclusive a iniciar um programa de intercâmbio entre alunos e professores há alguns anos, a Zumbi cria novas oportunidades para seus alunos.

O pioneirismo da faculdade no Brasil despertou o interesse de diversas instituições e, durante o primeiro semestre deste ano, representantes das HBCUs visitaram a facul-

dade e se impressionaram com seu crescimento e desempenho em pouco tempo de existência.

A partir das novas alianças a Zumbi amplia seu número de parceiros, o que em um futuro próximo trará aos alunos e professores oportunidades de intercâmbio e de observar de perto essas histórias de sucesso.

Dentre estas instituições estão Dillard University e Southern Univer-



Representantes da Southern University em visita a Zumbi.

sity and A&M College, que ficam no estado americano da Louisiana e tiveram papéis fundamentais no sucesso dos afro-americanos.

A Revista Afirmativa conversou com a Diretora do Departamento de Estudantes Internacionais e Estudos no Exterior da Dillard University, Kimya Dawson-Smith e com a Decana e Professora do Centro de Educação Internacional e Educação Continuada e Diretora do Centro de Serviço para o Aprendizado da Southern University and A&M College Barbara Carpenter, que representando suas instituições falaram um pouco mais sobre a bagagem acumulada por suas universidades ao longo dos anos.

Afirmativa – Vocês acreditam que as Faculdades e Universidades negras mudaram a história da população negra nos Estados Unidos?

Barbara Carpenter: as faculdades e universidades historicamente negras (HBCUs) permitiram que a população negra recebesse diplomas

de ensino superior em um tempo onde era considerado ilegal para pessoas negras estudar em instituições brancas. As HBCUs capacitaram e qualificaram altamente instrutores que entendem o valor da educação e a importância de garantir que a população negra será tratada com dignidade e honra.

Kimya Dawson-Smith: logo após a escravidão, os afro-americanos tinham poucas oportunidades de se educarem. Muitas das HBCUs que existem hoje foram criadas por Organizações Missionárias brancas que queriam garantir que os escravos recém-libertos estivessem envolvidos na educação, que era altamente associada à doutrina cristã. O desenvolvimento dessas faculdades não apenas auxiliou as comunidades afro-americanas a adotarem o cristianismo como fé, mas também assegurou uma transformação progressiva nas comunidades negras desenvolvendo novas lideranças fora do ambiente universitário. As

HBCUs foram responsáveis por assegurar que nós tivéssemos líderes e ativistas como WEB Dubois, Martin Luther King, além de outros médicos, advogados, cientistas, engenheiros e etc.

Afirmativa – Vocês acreditam que os estudantes que frequentam universidades negras tem mais oportunidades e um melhor desenvolvimento?

Barbara Carpenter: estudantes que frequentam as faculdades e universidades historicamente negras têm sido capazes de provar ao mundo que eles são tão qualificados e freqüentemente até melhor preparados que alunos de qualquer outra etnia. Principalmente porque eles têm consciência que as expectativas sobre o sucesso que eles terão é diferente. Portanto se fez necessário trabalhar mais duro para conquistar mais.

Kimya Dawson-Smith: eu acredito que isso seja verdade devido às estatísticas que mostram que os alunos afro-americanos têm maiores



Kimya Dawson-Smith.

chances de se graduarem em uma HBCU do que em uma instituição predominantemente branca. Então, isso abre um leque de oportunidades para eles, incluindo pós-graduação, faculdade de medicina, direito, pós-doutorado etc.

Afirmativa – Qual a porcentagem de estudantes negros e brancos nas instituições que vocês representam? Como é a convivência entre esses alunos?

Barbara Carpenter: na Southern University and A&M College os alunos convivem bem, especialmente aqueles que moram no campus. Neste momento temos uma porcentagem de aproximadamente 80% de alunos negros, 7% de outras

raças e 3% de alunos brancos.

Kimya Dawson-Smith: na Dillard, menos de 1% dos alunos são brancos. Contudo, os alunos brancos que escolheram estudar na instituição tendem a se relacionar muito bem com os alunos negros. Nós nunca tivemos problemas com isso, nem mesmo no passado.

Afirmativa – Vocês frequentaram uma HBCU? Caso isso tenha ocorrido como foi sua experiência como aluno?

Barbara Carpenter: sim, eu obtive dois dos meus diplomas pela própria Southern, o bacharelado e o mestrado. Meu doutorado eu fiz na Kansas State University. Minha experiência foi fantástica. Como aluna,

eu era encorajada a conquistar o mais alto nível acadêmico. Eu participava de atividades que levaram a assegurar posições significativas na liderança nacional e adquirir riqueza de conhecimentos e também uma rede de contatos efetiva na minha área.

Kimya Dawson-Smith: sim eu frequentei a Fisk University que fica em Nashville, Tennessee. Minha experiência na faculdade foi maravilhosa, foi o período mais divertido da minha vida. Eu aprendi coisas que eu não teria oportunidade de aprender de outra maneira. Os professores e os funcionários eram como uma família e este é o caso da maioria das faculdades negras nos Estados Unidos. Essas faculdades são nosso lar longe de casa.

Como estudante, eu via os professores e os funcionários como modelos. O simples fato de que eles haviam conseguido sucesso em suas áreas de atuação me ajudou a visualizar o potencial que eu podia atingir. Eu também acredito que minha experiência me permitiu entender minha própria identidade e como eu me encaixo na sociedade. Como muitos jovens eu tive algumas fases de insegurança. Contudo o fato de meus colegas negros passarem pelas mesmas coisas, desde a maneira como nós usávamos o cabelo, até a música que escutávamos, foi extremamente benéfico.

Afirmativa – Vocês acreditam que nesse novo momento existente na situação racial nos Estados Unidos, ainda haverá espaço para as HBCUs?

Barbara Carpenter: eu acredito que sempre haverá espaço para as faculdades e universidades historicamente negras na educação superior. As HBCUs garantem serviços para os jovens alunos negros que não serão encontrados nas instituições

brancas. As HBCUs são mais efetivas no que diz respeito às necessidades sócio-culturais dos alunos negros. Esses dois aspectos são chaves para a experiência holística de qualquer estudante. Eu fui para a faculdade durante a luta que os estudantes negros tiveram que enfrentar na década de 1960. Eu participei das lutas para conquistar igualdade racial. Portanto, eu carrego uma admiração e um amor profundos pelo que as HBCUs significam.

Kimya Dawson-Smith: eu acredito que as faculdades e universidades negras sempre vão existir, porque elas são monumentos históricos que se desenvolveram em um tempo em que outras instituições não aceitavam os afro-americanos. Hoje, as HBCUs continuam ajudando esses alunos que de outro modo não entrariam na universidade, seja por possuir poucas condições financeiras ou até mesmo por não ter uma formação acadêmica.

Às vezes essas instituições têm perdido seus mantenedores e têm lutado para sobreviver, enquanto seus líderes precisam se desdobrar para garantir que elas continuem existindo.

Um exemplo é a Morris Brown College, em Atlanta. Esta instituição perdeu fundos e sua credibilidade e como resultado teve que fechar as portas. Contudo, a liderança da instituição continuou procurando recursos mesmo depois que a instituição estava fechada e foi bem-sucedida em garantir sua reabertura. Embora eles ainda tenham que lidar com as questões financeiras, eles permanecem funcionando. As HBCUs também sediam todo ano conferências, onde elas tentam ajudar uma a outra através de workshops e também por



Barbara Carpenter.

meio da construção de consórcios de parceria.

Afirmativa – *No Brasil, nós temos apenas uma faculdade negra. Como vocês acreditam que a Zumbi pode melhorar seu ambiente para os alunos negros? Que tipo de exemplo a Zumbi pode usar das faculdades negras americanas?*

Barbara Carpenter: a Zumbi é uma faculdade nova com uma administração, professores e com funcionários pró-ativos. A agenda para o crescimento e para realizações está claramente ligada ao ambiente educacional e econômico em São Paulo. A missão dessa faculdade certamente é impressionar. A Zumbi precisa criar uma base financeira forte e alcançar

um crescimento significativo, tanto no âmbito nacional, quanto no internacional. O sucesso é uma certeza. Estes são os preceitos que ajudaram a fazer com que as HBCUs americanas se tornassem um sucesso.

Kimya Dawson-Smith: eu acredito que a Zumbi deva continuar trabalhando junto as HBCUs americanas e obter mais informações sobre os dados dessas instituições no passado e no presente. A Zumbi também poderia considerar uma série de consultorias como por exemplo, através dos departamentos de Relações Estudantis, que buscam maneiras de aperfeiçoar o ambiente para os nossos alunos. ■



Respeite os limites de velocidade.

Alguns equipamentos apresentados são opcionais, e podem ou não estar disponíveis nas versões apresentadas neste anúncio. Consulte a disponibilidade em um Distribuidor Ford. Imagens meramente ilustrativas.

0800-703 FORD
3673



O melhor jeito de ser
único é sendo plural.
A Ford aposta na
diversidade para levar
você cada vez
mais longe.

gofurther.com.br ▶



Go Further

Faculdades e Universidades historicamente negras



*Por Jason McCracken

Faculdades e Universidades historicamente negras (Historically black colleges and universities (HBCUs) são instituições de ensino superior nos Estados Unidos. Elas foram estabelecidas antes de 1964 com o intuito de servir a comunidade negra. Atualmente, existem cerca de 105 HBCUs, incluindo instituições públicas e privadas, com cursos de dois e quatro anos, faculdades de medicina e cursos técnicos.

Com exceção da Central State University (Ohio), Cheyney University of Pennsylvania, Lewis College of Business (Detroit, Michigan), Lincoln University (Pennsylvania), Wilberforce University (Ohio), e a agora extinta Western University (Kansas), todas essas instituições estiveram ou estão localizadas em estados escravocratas e territórios do governo americano. Depois de funcionarem por décadas, algumas dessas instituições fecharam durante o século 20, devido à competição acirrada, a Grande depressão e a problemas financeiros.

A Oakwood University é a única HBCU cuja sede está localizada em

terras que eram plantações de um escravo e está entre as 10 maiores faculdades para música, teologia e administração. Atualmente, a instituição possui 15 diretórios acadêmicos e 45 cursos.

A maioria das HBCUs foi criada antes da Guerra Civil Americana. No entanto, houve algumas exceções, são estas: Cheyney University of Pennsylvania (1837), Lincoln University (Pennsylvania) (1854), and Wilberforce University (1854). Estas foram estabelecidas pela população negra antes da Guerra Civil. Já a Oakwood University foi criada em 1896 no estado do Alabama em terras onde as plantações dos escravos estavam prosperando.

Atualmente as HBCUs lideram a educação dos jovens negros nos Estados Unidos. Os estudantes negros preferem ir para essas instituições principalmente devido aos recursos que o governo repassa para essas entidades, o que torna seu custo mais baixo. Esses recursos e as bolsas de estudos são destinados às famílias negras de baixa renda.

As faculdades negras mudaram a

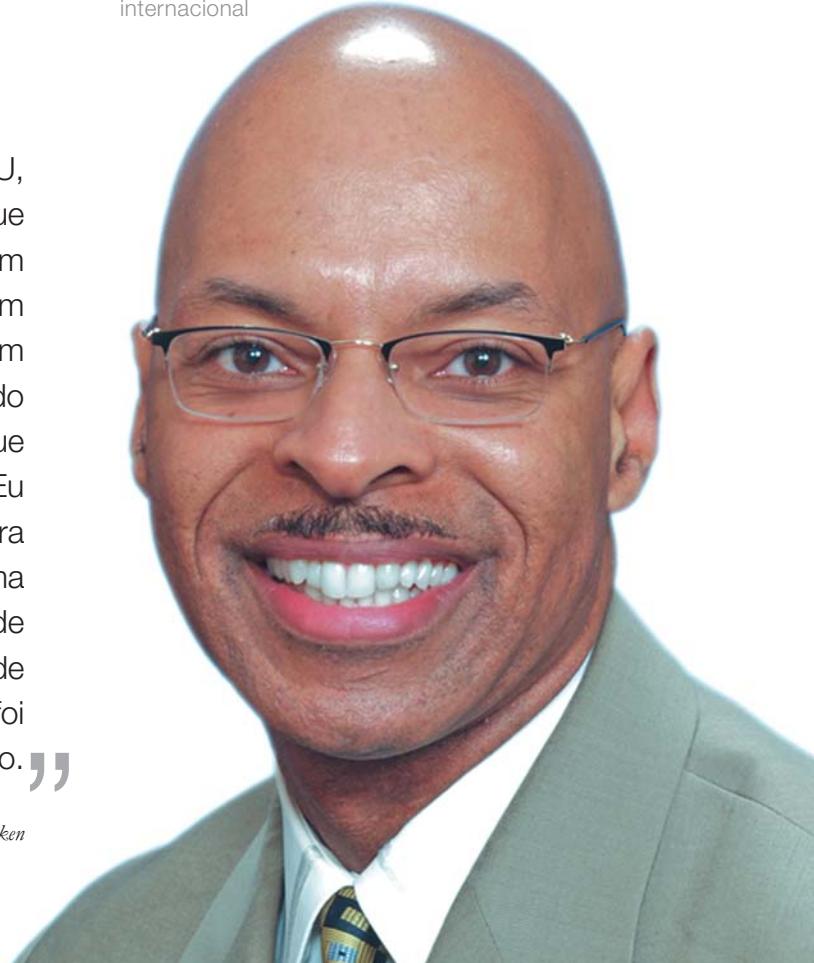
história dos afro-americanos porque os negros não tinham oportunidade de conseguir um diploma e de devolver conhecimento para suas comunidades. Sem as HBCUs os negros não teriam oportunidade de estudar nas universidades brancas devido às políticas racistas da época e esta situação gerou o desenvolvimento de Faculdades e universidades confessionais depois da escravidão.

Hoje os estudantes negros podem competir com os alunos que não estudam em faculdades negras devido os altos padrões apresentados por elas. Eles podem desenvolver atividades do mesmo nível ou até melhor, baseados em um perfil acadêmico voltado para as habilidades que o estudante negro precisa obter.

Isso nos leva a como é o ambiente em uma HBCU. Aqui os estudantes negros estão mais confortáveis em um cenário que melhor representa sua cultura e etnicidade. Porque, neste caso as salas de aula não são vistas como um ambiente hostil com a presença de um professor negro. Negros são intimidados frequentemente durante o ensino

“ Eu frequentei uma HBCU, Oakwood University porque esta me oferecia um ambiente cristão com professores que realizaram um trabalho personalizado comigo no período em que eu estava na faculdade. Eu entrei em uma classe para aprender, sem uma atmosfera hostil, mas onde um ambiente de conhecimento me foi oferecido. ”

Jason McCracken



médio nos Estados Unidos, por causa do racismo institucional nas salas de aula. Mas nos esportes eles frequentemente são vistos como grandes jogadores de basquete, músicos ou dançarinos.

Todavia, em um ambiente acadêmico branco, negros são vistos como irresponsáveis e como um fracasso acadêmico. As HBCUs oferecem um ambiente alternativo e espirituoso que não pode ser encontrado em faculdades e universidades brancas. Estudos realizados durante mais de 20 anos mostram que os alunos negros alcançam apenas 14 pontos no teste ACT (American College Test – teste padronizado para admissão nas universidades norte-americanas) enquanto os alunos brancos dominam a média mar-

cando 18 pontos no teste. E as notas dos negros no teste SAT (Scholastic Aptitude Test ou Scholastic Assessment Test – prova semelhante ao ENEM brasileiro que é aplicado aos alunos do Ensino Médio e soma pontos para acesso as universidades) continuam sendo as menores dos EUA, enquanto 534 alunos brancos tiveram as melhores notas em um período de 20 anos.

De acordo com as últimas estatísticas, as HBCUs estão crescendo com um ambiente étnico diferenciado. Mas as faculdades e universidades negras vão continuar se destacando em relação as outras universidades, pois elas oferecem um ensino avançado nas áreas de ciências e tecnologia.

A principal preocupação da

maioria das faculdades negras e isso pode incluir a Zumbi dos Palmares no Brasil, são os preços, o currículo e o apoio financeiro da parte do governo para os alunos negros. Uma vez que essas áreas tiverem sido resolvidas, o crescimento é apenas uma relevante medida do sucesso.

A Oakwood University e a Zumbi podem trabalhar juntas promovendo intercâmbio de alunos para pesquisa e informação. Obviamente isso deveria partir do presidente do nosso conselho como uma parceria oficial e eu acredito que, pela graça de Deus, isso certamente poderá acontecer. ■

* Jason McCracken, Diretor do Centro de Treinamento em Literatura e Evangelismo – Oakwood University.



congracamento Zumbi & New York University

No mês de agosto a Faculdade Zumbi dos Palmares recebeu um grupo com 20 alunos de mestrado e doutorado do curso de “Raça e Ensino Superior no Brasil”, da New York University (NYU), o motivo da visita ao campus da instituição foi estreitar a relação e possibilitar que

os alunos da NYU pudessem conhecer de perto os alunos da Zumbi. O Doutor Paulo Silva, formado pela Universidade de Columbia, acompanhou o grupo e um dos responsáveis pelo encontro.

“Não teria como vir ao Brasil e não estar aqui na Zumbi. Pelo pro-

jeto e pela referência que esta instituição já alcançou. Com certeza fomos nossa vinda ao país com chave de ouro”.

Além do reitor da Zumbi, Dr. José Vicente, compuseram a mesa de explanação dos trabalhos, o jornalista e conselheiro da faculdade, Rose-



nildo Ferreira, a diretora acadêmica da instituição Francisca Rodrigues, o PhD e Reitor Assistente de Assuntos Globais e Acadêmicos da New York University, Erich Dietrich e o Dr. Paulo Silva.

O reitor abriu a palestra explanando sobre a experiência vivenciada pela Faculdade Zumbi dos Palmares em relação ao patamar atual do Brasil quanto a questão do tema negros.

Além de abordar a questão das cotas raciais nas universidades públicas brasileiras. “Com este encontro nos vemos diante de uma contradição. Nos Estados Unidos, mesmo com a força do *Apartheid*, conseguiu-se um panorama de igualdade. Enquanto que aqui no Brasil, num processo democrático, os negros mantiveram-se excluídos e afastados”, refletiu o reitor.

Os pós-graduandos da NYU tive-

ram a oportunidade de esclarecer dúvidas fazendo perguntas aos representantes da Zumbi, que responderam sobre a representatividade do negro na mídia brasileira, mercado de trabalho, cursos extra acadêmicos oferecidos pela Zumbi, entre outros assuntos.

O evento terminou com o confraternização entre ambas as faculdades posando para uma foto que ficará para a posteridade. ■



Marco

Formatura da primeira turma de Direito da Faculdade Zumbi dos Palmares

A cerimônia de formatura da primeira turma do curso de Direito da Faculdade Zumbi dos

Palmares ficará registrada na história como um marco na conquista da cidadania da raça negra brasi-

leira. A concretização desse sonho simboliza uma vitória tão importante para a sociedade que o even-



Por Rejane Romano

to contou com a presença de personalidades ilustres como patronos e paraninfos: Michel Temer – Vice-Presidente do Brasil; Carlos Ayres Britto – Presidente do STF; Geraldo Alckmin – Governador de São Paulo; Aloízio Mercadante – ministro da Educação; José Eduardo

Cardozo – ministro da Justiça; Massami Uyeda – ministro do STJ; Nelson Cosme – embaixador da República de Angola no Brasil; Cesar Britto – ex-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil; Luiza Bairros – ministra da SEPPIR; Hélio Silva Jr. – ex-secre-

tário de justiça do Estado de São Paulo; Erickson Gavazza Marques – desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo e Benedita da Silva – ex-governadora do Rio de Janeiro e Deputada Federal, entre outras autoridades.

formatura direito



formatura direito

formatura direito



formatura direito



formatura direito





2012: um ano emblemático para a comunidade negra

Além de toda mística e superstição que envolve o ano de 2012, o ano cabalístico e profético é com certeza um ano emblemático para a comunidade negra. Primeiro a aprovação em unanimidade da constitucionalidade das cotas raciais nas universidades públicas brasileiras e agora a formatura da primeira turma do curso de Direito da Faculdade Zumbi dos Palmares. A instituição pioneira na proposta de inclusão do negro no ensino superior.

Momentos de emoção e reconhecimento pautaram a cerimônia que reuniu os formandos, professores, direção da Zumbi, autoridades representantes do poder público, personalidades e a imprensa.





A cerimônia contou com a presença como mestres de cerimônia dos jornalistas Luciana Camargo e Tiago Oliveira, e nos vocais o Coral Kad-miel Zumbi dos Palmares, com direito a participação do ator e cantor Bukassa Kabenguele, terminou com um brinde entre patronos, paraninfos e os formandos que aproveitaram a ocasião para tirar fotos com as personalidades que até então só viam pela televisão.

O que começou com um sonho agora se tornou realidade na vida dos 70 alunos que cruzaram o tapete vermelho no Memorial da América Latina partindo para uma vida nova. Uma formatura que antecipadamente já prenunciava o sentimento de vitória ao noticiar a conquista de três alunos ainda não formados





formatura direito

serem aprovados no Exame da Ordem dos Advogados (OAB).

Há cinco anos a Zumbi deu início ao curso de Direito com a proposta de inovar, não só por capacitar e formar um curso com maioria de estudantes negros, mas por ter em sua grade disciplinas voltadas para as necessidades atuais da sociedade brasileira, como o Direito Religioso.

Devido a tamanha ousadia muitos embates precisaram ser ultrapassados, justamente por isso o reitor da Zumbi, José Vicente, fez questão de destacar no púlpito a participação de cada um dos presentes para que aquele momento de celebração fosse possível.

“Quero parabenizar cada um dos familiares e amigos que nos emprestam o brilho hoje para registrar na

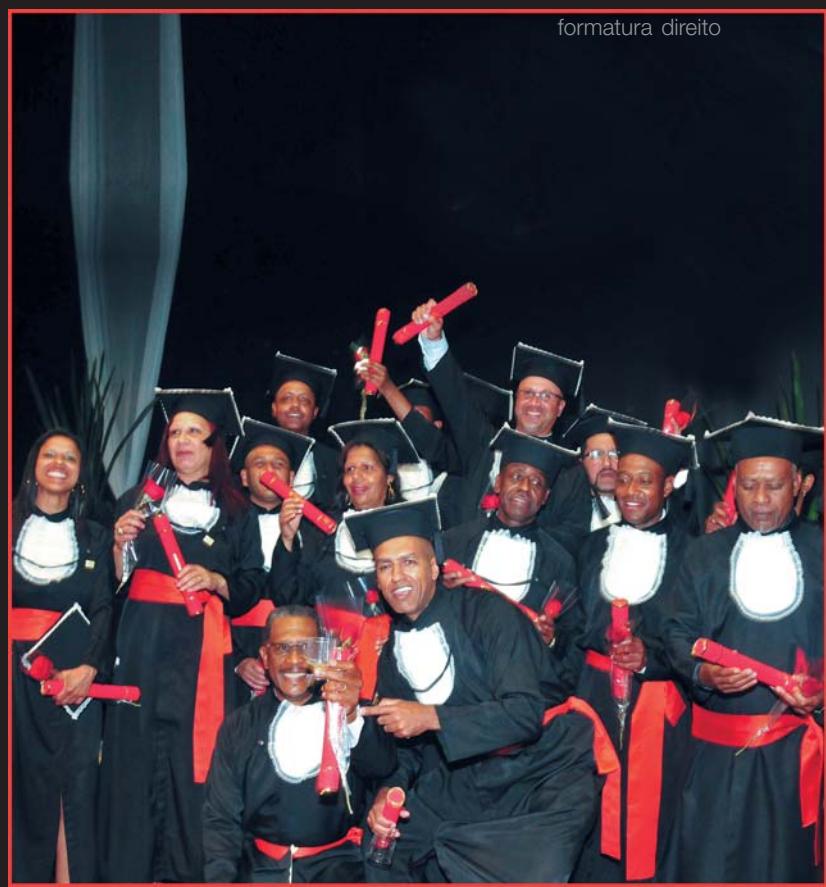


história que um dia os negros brasileiros juntaram-se no Memorial da América Latina para comemorar a vitória dos nossos alunos que perseveraram e conquistaram seu objetivo e para isso tiveram a ajuda de muitas pessoas”, destacou o reitor, que detalhou cada ajuda recebida, desde a doação de carteiras escolares, até o apoio para quebra de paradigmas, quando na implementação da Zumbi pessoas e setores da sociedade consideravam que seria uma espécie de “racismo às avessas”.

Todas as personalidades presentes fizeram questão de usar a palavra e manifestar-se sobre aquele que na visão compartilhada de todos é um momento histórico. O momento em que alunos, muitas vezes os primeiros de suas famílias, obtive-

formatura direito





ram o diploma universitário como Bacharéis do Direito.

É importante destacar que a maior parte dos alunos está saindo da faculdade com lugar garantido no mercado de trabalho. Por meio de convênios firmados com a faculdade, grandes empresas, escritórios de advocacia e instituições como a OAB/SP em programas de estágios exclusivos para os alunos da Zumbi efetivaram parte deles e os demais alunos foram absorvidos por empresas de outros setores.

A felicidade estava estampada nos rostos dos alunos que sentiam-se imensamente realizados.



“ A emoção do dia de hoje é inexplicável. Sou o primeiro da minha família a ter uma graduação, é muito boa essa sensação. ”

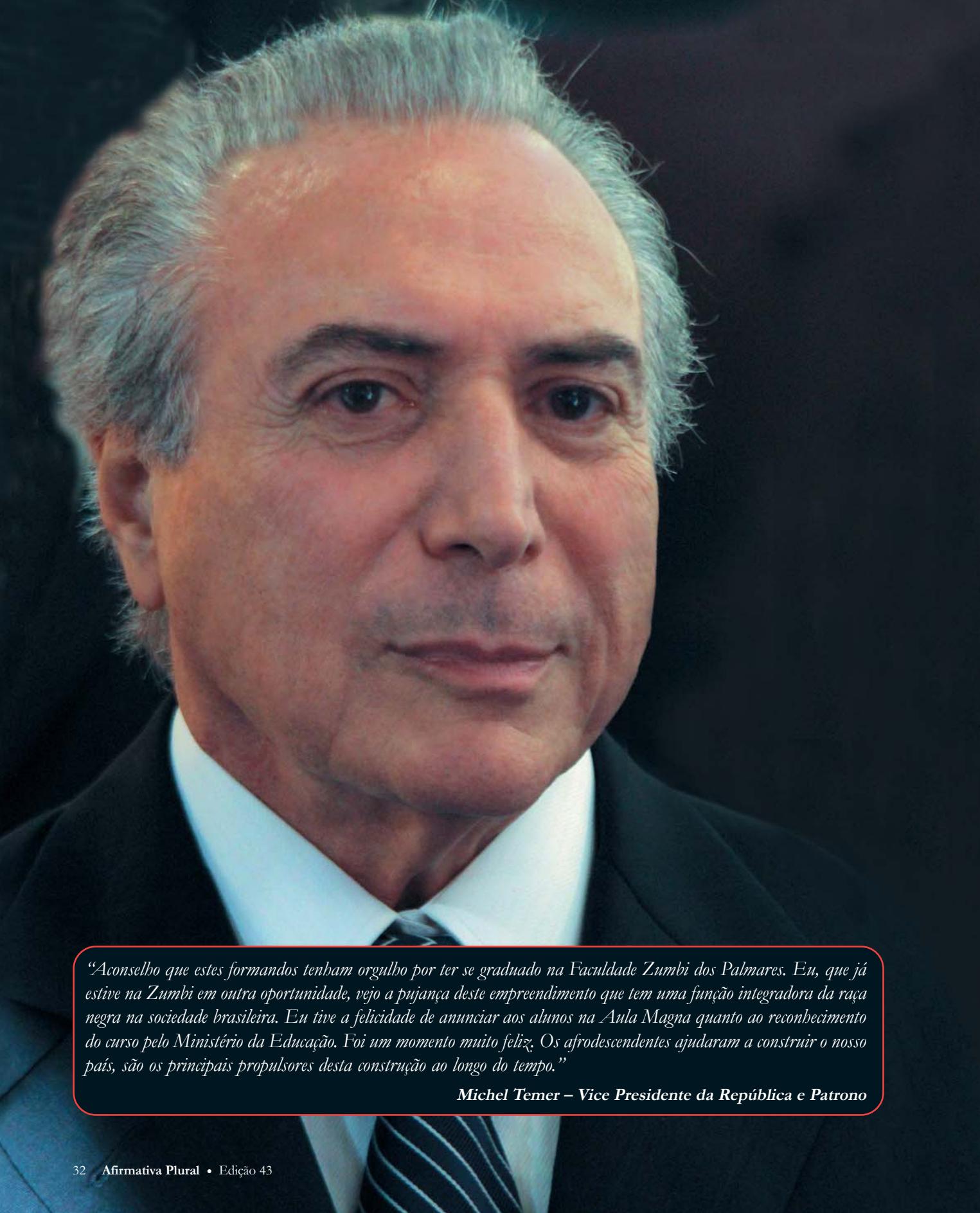
Cássio Rodrigues

formatura direito



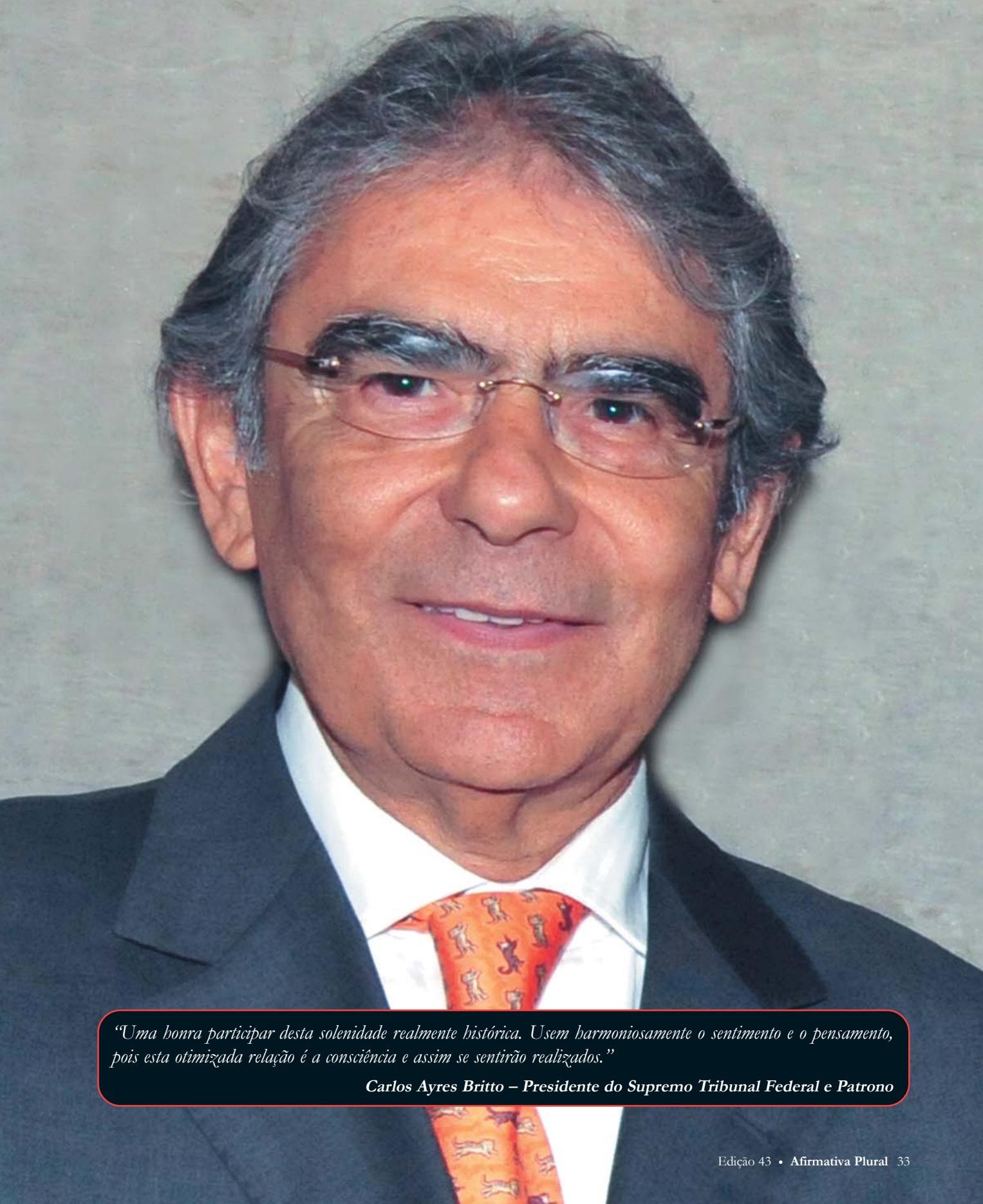
“ Meu coração está disparado. É uma honra, me sinto vencedora, por honrar minha família e as mulheres negras que tanto lutam, tanto sofrem e ainda poucas conseguem realizar este sonho de concluir um curso superior. Porque o tempo foi passando, mas as mentes de muitos não se modificaram, nos dias de hoje, mesmo trabalhando no Fórum ou como juristas, é visível as diferenças entre as mulheres negras e não negras. ”

Shirley Martins



“Aconselho que estes formandos tenham orgulho por ter se graduado na Faculdade Zumbi dos Palmares. Eu, que já estive na Zumbi em outra oportunidade, vejo a pujança deste empreendimento que tem uma função integradora da raça negra na sociedade brasileira. Eu tive a felicidade de anunciar aos alunos na Aula Magna quanto ao reconhecimento do curso pelo Ministério da Educação. Foi um momento muito feliz. Os afrodescendentes ajudaram a construir o nosso país, são os principais propulsores desta construção ao longo do tempo.”

Michel Temer – Vice Presidente da República e Patrono



"Uma honra participar desta solenidade realmente histórica. Usem harmoniosamente o sentimento e o pensamento, pois esta otimizada relação é a consciência e assim se sentirão realizados."

Carlos Ayres Britto – Presidente do Supremo Tribunal Federal e Patrono



“Já participei de centenas de formaturas, mas hoje tenho a certeza que esta formatura está fazendo história. Estamos formando a nossa primeira turma há uma distância de 143 anos da primeira formatura de uma turma de Direito em uma Universidade historicamente negra no exterior. Eu sei que a formatura de hoje estará escrita na história deste país.”

Aloizio Mercadante – Ministro da Educação e Patrono



"Cumprimento a Faculdade Zumbi dos Palmares pelo sucesso que é, com vários outros cursos e hoje formando a primeira turma do curso de Direito. Esta formatura é tão importante que aqui está presente o presidente da suprema corte do Brasil, o vice presidente da República, o ministro da Justiça, todos professores de Direito. Além de vários outros ministros de Estado. Isto mostra bem a importância desta formatura. Este é um fato histórico de muita importância para o país."

Geraldo Alckmin – Governador do Estado de São Paulo e Patrono



“Acho importante este momento na medida em que nós estamos ocupando o nosso lugar. Quando as oportunidades chegam é o momento de mudanças, de marcar momentos históricos. Hoje nós estamos orgulhosamente colocando o futuro em nossas mãos. Uma das pioneiros, a Zumbi, abriu este espaço e se colocou mesmo antes das cotas para que tivéssemos estes alunos agora sendo reconhecidos. Isto foi para nós um grande e histórico momento de luta nesta organização. Me dá muito orgulho fazer parte desta formatura. Cada negro e cada negra que se liberta, liberta a milhões.”

Benedita da Silva – Ex-Governadora do Estado do Rio de Janeiro e Patrona



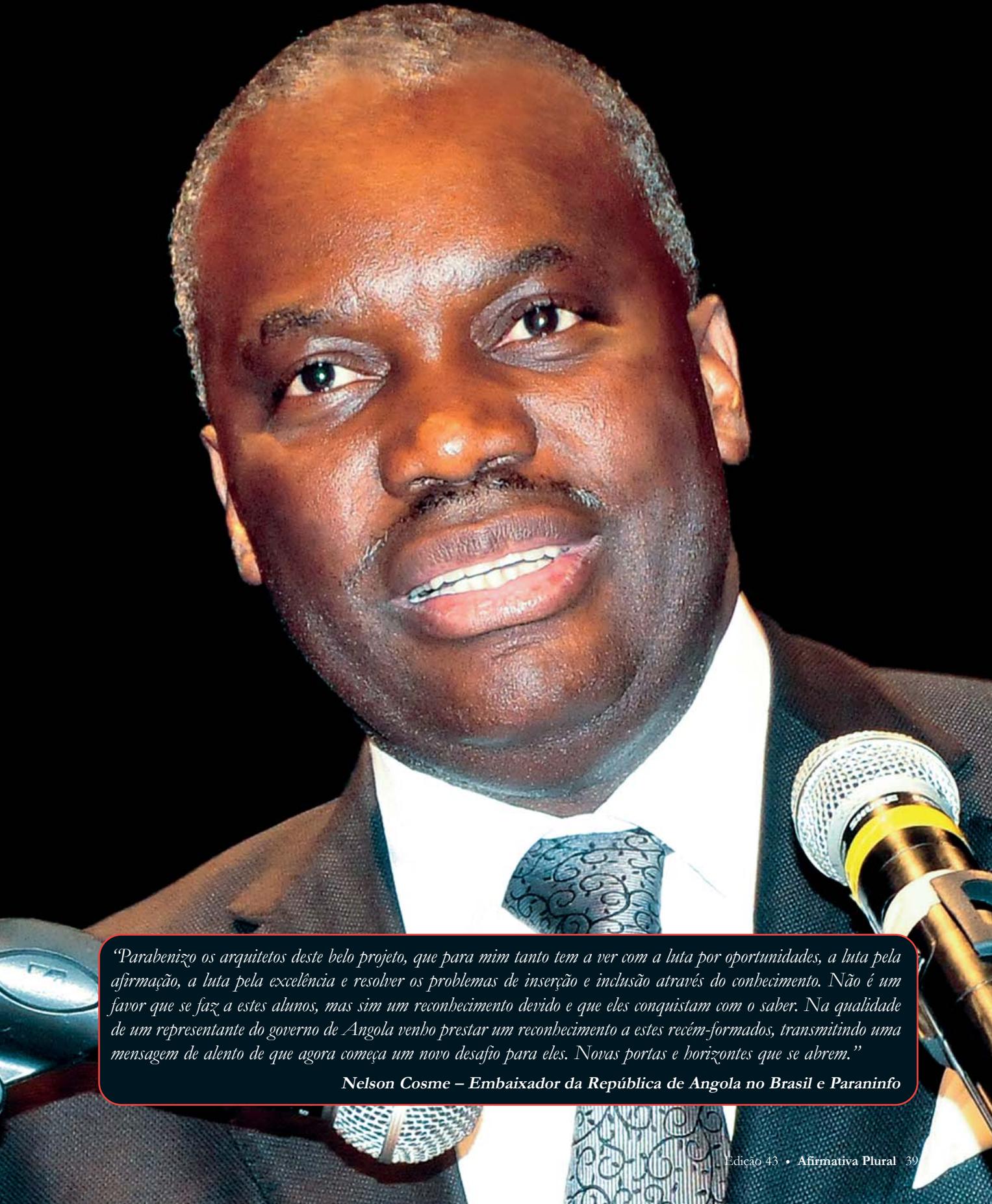
“A Faculdade Zumbi dos Palmares trabalha na perspectiva da inclusão, com uma política de afirmação e negação ao preconceito, portanto é uma instituição que se liga diretamente à cidadania. Por isso seu projeto está consolidado. Eu fico muito orgulhoso e feliz em assistir isto na condição de ministro da Justiça. Esta instituição é uma realidade na política de combate e enfrentamento ao preconceito. Portanto, neste momento eu sinto muito orgulho de ser brasileiro.”

José Eduardo Cardozo – Ministro da Justiça e Patrono



"Agora que o Brasil está num processo de crescimento é preciso que todas as faixas da sociedade estejam inclusas, não só como uma questão de dar chance a outras partes, mas também por questões econômicas. O Brasil tem uma taxa de desemprego de 5 a 6%, então para crescer é preciso que os empregos sejam melhores, que as pessoas tenham mais acesso à educação e nesse sentido é uma boa oportunidade para a comunidade negra de entrar no mercado de trabalho. Estes alunos são muito importantes, pois se tornam símbolos para a comunidade."

Dennis Hankins – Cônsul Geral das EUA em São Paulo e Paraninfo



"Parabenizo os arquitetos deste belo projeto, que para mim tanto tem a ver com a luta por oportunidades, a luta pela afirmação, a luta pela excelência e resolver os problemas de inserção e inclusão através do conhecimento. Não é um favor que se faz a estes alunos, mas sim um reconhecimento devido e que eles conquistam com o saber. Na qualidade de um representante do governo de Angola venho prestar um reconhecimento a estes recém-formados, transmitindo uma mensagem de alento de que agora começa um novo desafio para eles. Novas portas e horizontes que se abrem."

Nelson Cosme – Embaixador da República de Angola no Brasil e Paraninfo



“Estamos desafiando uma lógica do tempo, a lógica que dizia que o ser humano podia ser menos inteligente que o outro por conta da cor da sua pele. O papel desta faculdade é ousar. Existe apenas um covarde na terra, o covarde que não ousa saber. Esta turma dará o que falar, vocês vão fazer um Brasil diferente.”

Cezar Britto – Ex-Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil e Paraninfo



“Com muita honra e emoção recebi o convite para esta formatura. Recebi como uma homenagem por serem vocês os primeiros formandos em Direito pela Zumbi. A primeira faculdade a abraçar o projeto nobre de inclusão de uma população menos favorecida. Um projeto que eu vi passar de sonho à realidade. A missão do advogado é muito importante num momento como o nosso, onde ainda se impõe muita desigualdade.”

João Carlos Di Gênio – Reitor da UNIP e Paraninfo



“É uma honra muito grande estar aqui, porque estamos conjuntamente celebrando um ato muito significativo desde que as primeiras escolas de Direito foram formadas. A faculdade é um lugar de produção de pensamentos fundados nas divagens sociais e raciais no país. Ainda hoje temos que batalhar pela legitimidade das pessoas negras. Nós temos nos últimos anos experimentado avanços importantes nessa área. O Brasil precisa de profissionais com a formação para a qual os alunos que se formam aqui hoje foram preparados.”

Luiza Bairros – Ministra da SEPPIR e Paraninfo



"Me lembro exatamente do dia que entrei na Zumbi pela primeira vez para coordenar e lecionar no curso de Direito. Olhando para os olhos de cada um dos alunos, vi uma motivação. Vocês são o retrato do país de igualdade e sempre estarei com vocês nesta jornada luminosa."

Hélio Silva Jr. – Ex-Secretário de Justiça do Estado de São Paulo, Paraninfo e Professor da Zumbi dos Palmares.



“Quando o reitor José Vicente me contou sobre o projeto aderi à causa porque o objetivo maior é sermos felizes. A identidade que nos une como irmãos não é uma mera identificação de alto e baixo, branco, negro ou amarelo. O que nos identifica como filhos de Deus é a centelha divina que nos move nesta crença da possibilidade que vocês, formandos, nos dão de que pode dar certo. Me deixa muito feliz participar deste projeto.”

Massami Uyeda – Ministro do Superior Tribunal de Justiça e Paraninfo



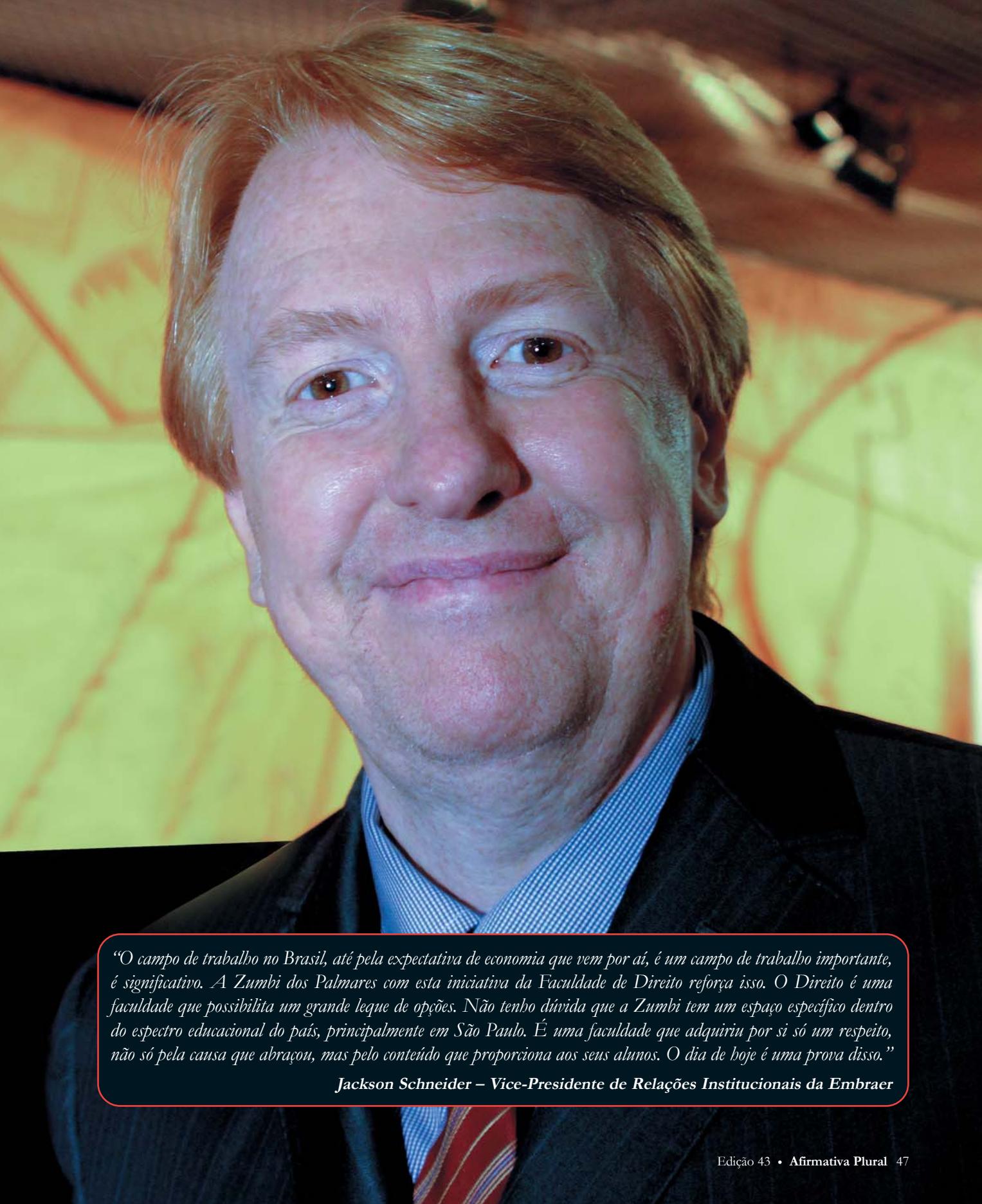
“Este momento é ímpar na vida de vocês. Quero dizer que num mundo onde se faz muita apologia da ciência e tecnologia nunca se esqueçam que o homem, o humano, deve estar em primeiro lugar. Nunca deixem de lado o sexto sentido, nunca menosprezem a intuição de vocês e contem comigo.”

Erickson Gavazza Marques – Desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo e Paraninfo



“Sem dúvida alguma é um momento muito emocionante, para muitos a conquista de um diploma que é o primeiro da família. Nós temos que parabenizar o esforço destes jovens estudantes que agora têm o seu diploma de Direito.”

Eloísa de Souza Arruda – Secretaria de Justiça e Cidadania do Estado de São Paulo



“O campo de trabalho no Brasil, até pela expectativa de economia que vem por aí, é um campo de trabalho importante, é significativo. A Zumbi dos Palmares com esta iniciativa da Faculdade de Direito reforça isso. O Direito é uma faculdade que possibilita um grande leque de opções. Não tenho dúvida que a Zumbi tem um espaço específico dentro do espectro educacional do país, principalmente em São Paulo. É uma faculdade que adquiriu por si só um respeito, não só pela causa que abraçou, mas pelo conteúdo que proporciona aos seus alunos. O dia de hoje é uma prova disso.”

Jackson Schneider – Vice-Presidente de Relações Institucionais da Embraer



“A presença numa solenidade de formatura é a consagração de uma jornada e a Zumbi tem prestado um serviço inestimável, então nós só temos a agradecer esta possibilidade de ajudar, de criar empregabilidade para os novos formandos e criar condições da inclusão digital, porque a inclusão através do conhecimento é a que fica.”

Luiz Carlos Trabuco – Presidente do banco Bradesco (Empresa Parceira no Programa Especial de Estágios)



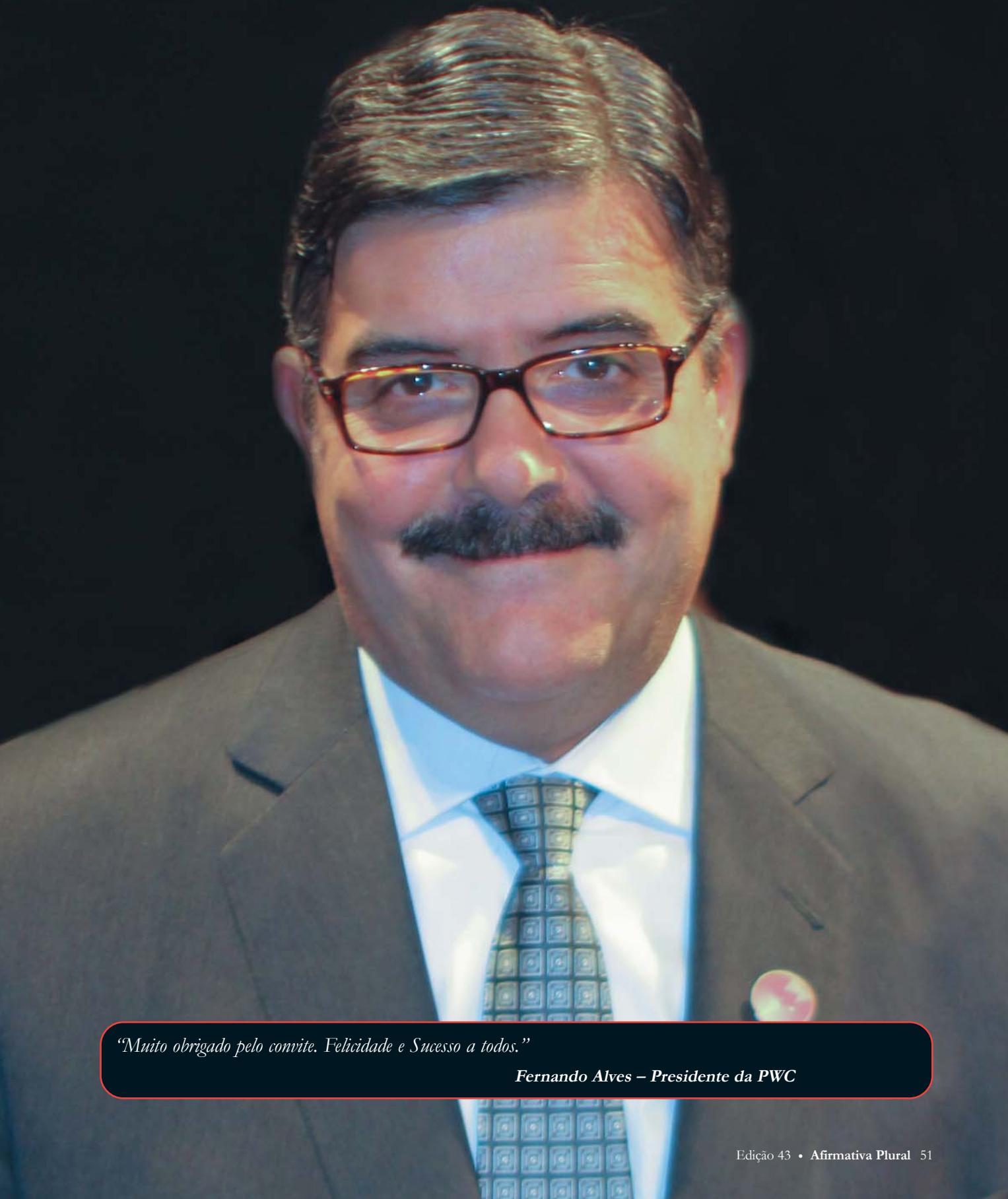
“Parabenizo aos alunos pela garra e persistência para ter chegado até aqui. Agora se abre uma avenida de oportunidades e de alternativas. Estes formandos têm que analisar com muito cuidado os próximos passos que serão definidores. A parceria no programa de estágios que começou em 2005 começou com 20 alunos e desde então são mais de 200 que passaram pelo banco e continuam conosco. Um programa que já está consolidado.”

Pedro Salles – Presidente do Conselho de Administração do banco Itaú-Unibanco



“A experiência do convênio feito entre a Mercedes e a Faculdade Zumbi dos Palmares foi muita positiva. A experiência de abrir vagas exclusivas, já direcionadas para a faculdade é algo inédito na Mercedes Benz do Brasil, é a primeira vez que fazemos isto para uma instituição e o resultado foi muito positivo. Cada vez que a faculdade amplia a oferta de cursos nós temos mais possibilidades dentro da Mercedes. Eu como diretor de Comunicação já estou de olho nos futuros formandos em comunicação pela faculdade.”

Mário Lafitte – Diretor de Comunicação da Mercedes-Benz



“Muito obrigado pelo convite. Felicidade e Sucesso a todos.”

Fernando Alves – Presidente da PWC

lormatura direito



formatura direito



formatura direito





negros e o direito

*Por
José Vicente

Foto: © Paulo Jorge Cruz - Fotolia



Nos EUA, universidades negras, criadas na lógica do apartheid, formaram de prêmio Nobel a ministro do Supremo. Aqui, há agora os primeiros advogados.

A Universidade Cheyney, mais antiga universidade negra norte-americana, foi fundada em 1837, na Pensilvânia, no regime da escravidão. A Universidade Howard, em Washington D.C., formou os primeiros negros em direito, em 1869. Além de Martin Luther King, prêmio Nobel da Paz, Toni Morrison, prêmio Nobel de Literatura, Oprah Winfrey, empresária da comunicação, e Thurgood Marshall, ministro da Suprema Corte, milhares de personalidades negras americanas se graduaram em uma das atuais 107 universidades historicamente negras daquele país, tradicionalmente conhecidas pela sigla HBCUs.

Centenárias, públicas e privadas e originadas na lógica do apartheid, constituíram o embrião das políticas públicas afirmativas norte-americanas que em pouco mais de 40 anos aumentou o percentual de negros no ensino superior de 13% para 30%.

Professores, pesquisadores, cientistas e profissionais liberais negros se tornaram numerosos e respeitados, foram integrados nos cargos de prestígio, na estética social e além dos milhares de postos políticos de destaque -Obama é um deles.

No Brasil, somente a partir de 2001 a luta incansável do movimento negro, apoiada por destacados setores da vida nacional, produziu uma consciência inovadora, proativa e compromissada do governo, do Congresso e do ambiente jurídico na construção de medidas afirmativas de

promoção e valorização do negro.

São muitas as expressões do esforço concentrado para queimar etapas e diminuir o nível das desigualdades que separam os negros dos demais brasileiros.

“No Brasil, somente a partir de 2001 a luta incansável do movimento negro, apoiada por destacados setores da vida nacional, produziu uma consciência inovadora, proativa e compromissada do governo, do Congresso e do ambiente jurídico na construção de medidas afirmativas de promoção e valorização do negro.**”**

Entre elas, a lei que contempla a história do negro e a história da África na educação, as cotas nas universidades públicas e nas universidades privadas através do ProUni, a lei que institui o Estatuto da Igualdade Racial, a lei 180/2008 que reserva percentual para os negros nas cotas sociais e a ação das cortes estaduais, federais e do Supremo Tribunal Federal, que repeliram centenas de recursos que questionavam a constitucionalidade dessas medidas.

Orgulhosamente, a Faculdade Zumbi dos Palmares tem sido uma contribuição destacada desse esforço. Primeira instituição de ensino superior comunitária do país, criada para inclusão do negro no ensino superior de qualidade e no mercado de trabalho qualificado, nos seus oito anos de vida tem auxiliado a quebrar paradigmas, valorizar a identidade, fortalecer a autoestima e criar protagonismo e oportunidade social para o jovem negro. Uma verdadeira ação afirmativa da sociedade civil.

Com o apoio de importantes atores sociais e colaboração efetiva de parceiros do ambiente corporativo, honrosamente entregamos os primeiros 70 jovens advogados do nosso curso de direito, devidamente reconhecido pelo Ministério da Educação e recomendado pela OAB, estando grande parte dos formandos efetivados nas empresas parceiras.

É pouco, sabemos. Mas acreditamos que iniciativas dessa natureza poderão ajudar a consolidar a educação como estratégia de valorização da diversidade racial e contribuir para o país andar mais rápido na igualização de oportunidades e na participação social de todos. Advogados e juristas irão auxiliar a tornar nosso ambiente jurídico mais diverso e plural. De fato e de direito. ■

*José Vicente, Doutor em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba, Reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares.
Artigo publicado no jornal Folha de S.Paulo, em 11/09/2012.

Luiz Gama, um grande brasileiro. De fato e de direito

*Por Rosenildo Gomes Ferreira

A literatura e a história do Brasil estão recheadas de exemplos de expoentes da comunidade negra que tiveram papel preponderante na construção do país. Apesar de muitas pessoas, algumas de forma, digamos, orquestrada, tentarem nos convencer do contrário. É neste cenário que, a meu ver, um personagem em especial desonta como um exemplo a ser seguido em todos os campos. Falo do soteropolitano Luiz Gama, jurista de raro saber, escritor arguto e poeta dono de uma verve sem igual.

Sua trajetória pessoal e profissional está intimamente ligada à luta pelo fim da escravidão. Em uma sociedade escravocrata, na letra da lei, Gama não mediou esforços para lutar pelo direito dos afrodescendentes. Graças ao seu trabalho ele tirou dos grillhões, pela via legal, é sempre bom frisar, cerca de 500 homens e mulheres escravizados, no período 1850-1882. Mesmo sem ter conseguido um diploma de advogado.



Passados 130 anos, vemos que o esforço e a luta de Luiz Gama não foram em vão. Seu espírito cívico e sua disposição para o bom combate, certamente está em cada um dos jovens bacharéis que integram a primeira turma do curso de direito da Faculdade Zumbi dos Palmares.

Nascido livre, filho da ex-escrava Luiza Mahin, ativa militante da Revolta dos Malês, que parou a cidade de Salvador em 1835, Gama foi vendido como escravo pelo pai, um decadente fidalgo português. Gama, no entanto, nunca se sentiu, de fato, um escravo. Conseguiu a liberdade e, mesmo tendo se alfabetizado apenas aos 18 anos, se tornou um râbula, advogado autodidata, em São Paulo. Ao procurar a já prestigiosa Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, foi expelido pelos alunos bran-

cos e, em sua maioria escravocratas. Gama, porém, jamais se deixou abater. Usou a rejeição como combustível para crescer, como cidadão, e lutar por um Brasil melhor.

Hoje, seu trabalho como advogado é reconhecido até mesmo pela faculdade que o rejeitou no passado. Mas o bom combate não se trava sozinho. A caminhada de Gama e a perpetuação de sua memória contaram com o auxílio precioso de cidadãos forjados na democracia e na crença de que uma sociedade justa e realmente democrática é aquela que abriga todos os seus. Falo especificamente de Dino Bueno e Januário Pinto Ferraz, bambas do direito no século XIX e que o acolheram em seu escritório. Essa lista também inclui o cultuado jurista, diplomata e intelectual Ruy Barbosa, conterrâneo de Gama, e o eminente

jurista paulistano Fábio Konder Comparato, um dos pilares contemporâneos da luta para liberdade.

Hoje, além de grandes juristas e democratas de todas as áreas, esses Luiz Gama redivivos, que acabam de se graduar na Faculdade Zumbi dos Palmares, também contaram com o precioso suporte do mundo corporativo. Empresas lideradas por executivos que estão à frente de seu tempo e enxergam na valorização da diversidade de gênero, raça e condição social, um potente combustível para crescerem e se diferenciarem num país que busca se inserir cada vez mais no mundo globalizado. Onde se rejeita a escravidão das pessoas ou de consciências. ■

*Rosenildo Gomes Ferreira, Editor de Negócios e columnista de Sustentabilidade da revista IstoÉ Dinheiro.

tempo de educação, ética e participação

*Por Maria Alice Setubal

Vivemos no segundo semestre um momento político de grande potencial para a educação, em que as campanhas municipais dividem o espaço da mídia com o julgamento do mensalão. De um lado, a sociedade tem a oportunidade de discutir suas cidades. Ao mesmo tempo, debates sobre o julgamento apontarão referências importantes para os brasileiros, especialmente em termos da ética e dos valores que devem embasar decisões fundamentais para o desenvolvimento da política no país.

Por outro lado, dados divulgados recentemente descortinam um triste cenário que nos impulsiona para ações urgentes na educação. Os resultados do Índice de Alfabetismo Funcional (Inaf) apontam uma melhoria em relação aos dados do analfabetismo absoluto e da alfabetização rudimentar. Mas a proporção dos que atingem um nível pleno de habilidades de leitura, escrita e matemática manteve-se praticamente inalterada entre 2001 e 2011, em torno de apenas 25%.

No ensino médio, só 35% dos alunos são plenamente alfabetizados. Diariamente nos deparamos com casos ou relatos da baixa qualificação da nossa mão de obra.

Neste início da corrida pelas eleições municipais, é com satisfação que muitos educadores comprometidos com uma educação de qualidade para

todos destacam nas chapas que correm em São Paulo três nomes que fizeram parte de administrações públicas em cargos diretamente ligados à educação.

Nossa surpresa, porém, está na constatação de que a educação figura nas plataformas políticas só como um dos temas ditos prioritários, porém sem propostas efetivas, em discursos tão eloquentes quanto vazios, como geralmente fazem os políticos.

Temos uma oportunidade nessa eleição de mostrar para todo o país o significado de colocar a educação como eixo central das políticas, para começarmos a reverter esses dados de forma mais expressiva e de repensarmos a formação da sociedade, com ética e a justiça social.

Tornar São Paulo uma cidade educadora, em que o conhecimento seja o instrumento capaz de empoderar a todos e a cada um, crianças, jovens e adultos, na direção da construção de uma sociedade mais justa e democrática, é o desafio possível.

É um desafio a ser alcançado na medida em que ampliarmos os espaços pedagógicos e oportunidades educativas para toda a população.

Nesse contexto, de um lado, as instâncias da gestão pública podem ser um espaço importante de ações pedagógicas ao implementar políticas relativas ao trânsito, aos resíduos

sólidos, ao ambiente, à segurança -é possível construirmos um enfoque formador de cidadania no cotidiano das ações públicas.

De outro lado, a escola é o lugar fundamental para uma articulação com os diferentes espaços da comunidade relacionando educação com nosso potencial cultural e esportivo, com possibilidades para o ensino e aprendizagem da convivência, da importância do coletivo, do respeito, da diversidade e do diálogo. Trata-se de uma proposta educativa não com ações isoladas, mas integrada ao currículo escolar.

A complexidade do mundo contemporâneo exige cidadãos que saibam se expressar, buscar, analisar e relacionar conhecimentos, participar de forma crítica das diferentes instâncias da sociedade cuidando das pessoas e do meio ambiente.

Há uma demanda por uma educação que ofereça a cada um a possibilidade de leitura em seu sentido literal e amplo como leitura do mundo. Não podemos desperdiçar este momento fértil para uma educação para o resgate da ética e dos valores democráticos. ■

*Maria Alice Setubal, doutora em Psicologia da Educação pela PUC-SP, presidente dos Conselhos do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária e da Fundação Tide Setubal. Artigo publicado no jornal Folha de S. Paulo, 15/08/2012.

“ Eleições são uma oportunidade para colocarmos a educação como prioridade. Hoje, só 35% dos alunos de ensino médio são plenamente alfabetizados. ”

Maria Alice Setubal





as
armas
e as
cotas

A batalha adiada da
igualdade racial nas
Forças Armadas

*Por Luiz Felipe de Alencastro

Impermeáveis às políticas afirmativas do governo Dilma, as Forças Armadas não promovem a formação de altos comandantes cujo rosto espelhe o da população brasileira. Índia, África do Sul e EUA (que destacaram oficial negro para comandar frota no Atlântico Sul) dão valor estratégico à questão racial nas elites militares.

Nas vésperas do Sete de Setembro, cabe lembrar as perspectivas sobre as Forças Armadas inscritas no “Livro Branco da Defesa Nacional” (LBDN), apresentado em junho à presidente da República e ao Congresso.

Organizado pelo ministro da Defesa, Celso Amorim, o Livro Branco constitui uma iniciativa original. Tanto na forma quanto no seu conteúdo. Faltou, na imprensa e nos meios políticos e universitários, um debate à altura das análises elaboradas no LBDN. Pela primeira vez, a reflexão sobre as Forças Armadas e a diplomacia estão associadas num documento governamental que analisa as relações de força no mundo atual.

Resta que o LBDN não aborda um problema importante de repercussão nacional e internacional, que Amorim ajudou a começar a resolver no Itamaraty. Problema com o qual ele e seus sucessores no atual ministério também terão que lidar: a discriminação racial não escrita que exclui negros e mulatos do alto oficialato das Três Armas.

No Itamaraty, o assunto foi abafado durante muito tempo. Entrou pela primeira vez em pauta quando o presidente Jânio Quadros, em 1961, na época da independência das colônias africanas, nomeou o escritor Raimundo Souza Dantas (1923-2002) embaixador em Gana.

Primeiro e único embaixador ne-

gro desde a Independência, Souza Dantas escreveu “África Difícil, Missão Condenada: Diário” (1965), que narra a discriminação de que foi vítima, por parte de intelectuais e diplomatas brasileiros, no seu posto na África. Quando o livro saiu, a ditadura já sufocava o debate sobre esse e outros assuntos.

“ A branquitude encenada pelos diplomatas brasileiros entravava a política do Brasil na África. ”

Agindo como pau-mandado do colonialismo português, o Itamaraty perseguiu o então diplomata e futuro dicionarista Antônio Houaiss (1915-99). Membro da Comissão de Descolonização da ONU, Houaiss dialogava com os movimentos independentistas da África lusófona. Como narra o embaixador Ovídio de Andrade Melo, em seu livro “Recordações de um Removedor de Mofo no Itamaraty” (2009), a pedido de setores salazaristas, Houaiss foi cassado e demitido do Itamaraty, acusado de ser “inimigo de Portugal”.

No entanto, cada vez que o governo abria uma embaixada na África, inclusive nos países lusófonos, já escaldados pela colaboração de Gilberto Freyre (1900-87) com o colonialismo salazarista, escancarava-se um paradoxo: como acreditar que o Brasil era uma “democracia racial” se todos os diplomatas, e até os contínuos da embaixada, eram brancos? A branquitude encenada pelos diplomatas brasileiros entravava a política do Brasil na África.

Com a redemocratização, o debate voltou à ordem do dia. Em 2002, iniciou-se o programa Bolsa Prêmio de Vocação para a Diplomacia. Implementado pelo Itamaraty, o programa concede a afrodescendentes bolsas de preparação ao concurso à carreira diplomática.

A necessidade de aproximar o rosto interno do rosto externo do país foi sublinhada pelo então presidente Fernando Henrique, em dezembro de 2001: “Precisamos ter um conjunto de diplomatas –temos poucos – que sejam o reflexo da nossa sociedade, que é multicolorida e não tem cabimento que ela seja representada pelo mundo afora como se fosse uma sociedade branca, porque não é”.

Sob a presidência de Lula, o processo se consolidou. Em julho de 2008, em Brasília, o então chanceler Celso Amorim enfatizou que a democracia é “incompatível” com a discriminação, acrescentando: “Acreditávamos que éramos uma democracia racial. Hoje sabemos que isso não é verdade”.

Contudo, o ajuste entre o rosto interno e o rosto externo do país é longo e difícil. No último dia 18 de agosto, reportagem de Flávia Foreque na Folha revelou que, dentre as 40 novas embaixadas abertas na África, 35 têm um corpo de diplomatas inferior ao previsto. Por quê? Porque alguns itamaratecas, que se acham, evitam as embaixadas africanas, acreditando que tais postos rebaixam suas carreiras.

Celso Amorim deixou o Itamaraty e, depois de uma pausa, assumiu o ministério da Defesa. Graças à sua iniciativa, redigiu-se o “Livro Branco”. Com 270 páginas, o documento contou com o aporte de vários ministérios e duas centenas de colaboradores.



De saída, o LBDN salienta as bases da geopolítica nacional: “O Brasil dá ênfase a seu entorno geopolítico imediato, constituído pela América do Sul, o Atlântico Sul e a costa ocidental da África”. Mais adiante, a importância do espaço oceânico é reiterada, porquanto o Brasil é o “país com maior costa atlântica do mundo”.

Citado no texto introdutório da presidente Dilma Rousseff, o pré-sal é objeto de mais quatro referências no LBDN. A posse da Zona Econômica Exclusiva de 200 milhas marítimas (onde está o pré-sal) garantida pela Convenção da ONU de 1994, que foi assinada por 152 países, é destacada.

Mas o documento também observa que nem todos países aderiram à convenção, “inclusive grandes potências”, circunstância que “pode se tor-

nar, no futuro, uma fonte de contenciosos”. O que o LBDN não diz, mas está nos jornais, é que a única das “grandes potências” não aderente à convenção de 1994 é os Estados Unidos.

O tom diplomático do texto evita ainda referências a uma novidade que reconfigura o Atlântico Sul, a volta da 4^a Frota americana. Estabelecida em 1943, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-45), a 4^a Frota foi desmembrada em 1950. Em 2008, foi restabelecida para operar no Caribe e nos mares da América Central, América do Sul e África Ocidental.

Seu renascimento foi saudado pelo “Navy Times”, jornal da marinha de guerra americana: “Quase 60 anos depois de ter fechado, a 4^a Frota, que conduziu a caçada aos submarinos alemães no Atlântico Sul,

está de volta. Desta vez, para caçar traficantes de drogas no Caribe”.

Na América Central e na América do Sul, pouca gente acreditou nessa fita da caça aos piratas do Caribe. O governo argentino discutiu o assunto com o governo americano. Mas a reação mais incisiva veio do Brasil. Respondendo a jornalistas argentinos, em setembro de 2008, o presidente Lula declarou: “Estou preocupado com a 4^a Frota americana, porque ela vai exatamente para o lugar onde nós achamos petróleo”.

Tal armada de porta-aviões, cruzadores e submarinos é comandada por um ilustre oficial negro, o contra-almirante Sinclair M. Harris. Feliz coincidência para o prestígio do contra-almirante Harris e para o lustre da U.S. Navy, sua poderosa

esquadra singra entre a costa atlântica africana e o país americano que conta com o maior número de afro-descendentes.

Neste contexto apenas subentendido no LBDN, a Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul ganha todo o seu relevo. Instaurado pela ONU em 1986, esse tratado abrange o Brasil, Argentina, Uruguai e 21 países africanos. Programas de colaboração militar estão em curso nesses países, com destaque para a Namíbia – cuja costa situa-se em latitudes idênticas à faixa do litoral brasileiro contendo o pré-sal –, a qual envia boa parte dos oficiais de sua Marinha de Guerra para se formarem no Brasil.

O LBDN assinala uma cooperação mais direta com a África do Sul, no intercâmbio de oficiais e no desenvolvimento do míssil A-Darte e, mais além, com a Índia, no avião de transporte Embraer 145, dotado de radar indiano.

A colaboração com a África do Sul e a Índia é reforçada pelo Fórum Ibas, reunindo o Brasil aos dois países. Fundado em 2003, sob o impulso do então chanceler Celso Amorim, o Ibas é definido como “um mecanismo de coordenação entre três países emergentes, três democracias multiétnicas e multiculturais, que estão determinados a redefinir seu lugar na comunidade de nações”.

Efetivamente, o Brasil, a África do Sul e a Índia constituem um grupo exemplar de democracias multiétnicas e multiculturais. Não há quem duvide disso, quando percorre as ruas das grandes cidades desses países.

Salvo em algumas altas instâncias, como as Academias Militares. Ali, o rosto dos cadetes, dos futuros oficiais superiores brasileiros, predomina-

inantemente branca, destoa da igualdade étnica e multicultural do oficialato das Forças Armadas da África do Sul e da Índia. Destoa, sobretudo, da sociedade brasileira.

Graças aos avanços constitucionais do país, as Forças Armadas têm evoluído. Mulheres passaram a ser admitidas nas Três Armas, embora suas funções sejam geralmente restritas aos serviços administrativos e de saúde. Também é certo que há, desde o século 19, certo número de oficiais afrodescendentes e que as escolas militares não vetam mais certas categorias da população.

Assim, como revelou o historiador Fernando Rodrigues, da UFRJ, na reportagem de Leoncio Nossa, no jornal “O Estado de S. Paulo”, em 12 de março de 2011, até o final da Segunda Guerra Mundial (1939-45), as escolas militares barravam formalmente a entrada de negros, judeus, islâmicos, filhos de pais separados e filhos de estrangeiros.

Muita coisa mudou para melhor. Em 2007, a comunidade nipo-brasileira saudou a nomeação no comando da Aeronáutica do brigadeiro Juniti Saito, nascido em Pompeia (SP) e filho de imigrantes japoneses. No ano seguinte, viajando a Tóquio como convidado especial do governo japonês, o comandante foi recebido pelo Imperador Akihito.

Saito visitou também uma escola de filhos de imigrantes brasileiros. Segundo o site nikkeypedia.org.br, ele declarou na saída: “Eu me identifiquei com aquelas crianças porque passei o mesmo que elas quando cheguei ao Brasil. Até os cinco anos de idade, só falava japonês dentro de casa”. A menos que tenha sido o resultado de um erro de transcrição, o

lafpo do brigadeiro Saito (“quando cheguei ao Brasil”) é significativo.

Mostra o estranhamento e a emoção da “chegada” à escolinha paulista, e dá mais força ao seu mérito e à competência da Escola Militar na condução de sua trajetória até a chefia da Aeronáutica.

Da mesma forma que a carreira do contra-almirante Harris impressiona os oficiais africanos e brasileiros, o dinamismo social e democrático que impulsionou a carreira do comandante Saito deve ter impressionado os oficiais do Japão. No Extremo Oriente, o retrato do oficialato brasileiro, apresentado como um corpo militar multiétnico, ganhou foros de verossimilhança. No Extremo Ocidente é outra história.

Sabe-se que a hierarquia militar sempre afirmou sua consonância com o colorido da sociedade. Como outros documentos oficiais, o LBDN se refere à primeira Batalha de Guararapes (1648), palco da vitória icônica das Forças Armadas: “Foi o evento histórico considerado gênese do Exército, nessa ocasião as forças que lutaram contra os invasores foram formadas genuinamente por brasileiros (brancos, negros e ameríndios)”.

Depois disso, os holandeses se renderam, a população indígena declinou, chegaram muito mais africanos, mais portugueses, outros europeus, e também os levantinos e os asiáticos que formaram a atual sociedade brasileira.

As Forças Armadas mudaram, mas a sociedade mudou mais rápido. A referência encantatória às forças brasileiras na Batalha de Guararapes, pintadas como um exército multiétnico, não cola à realidade. Não é preciso fazer um desenho para mostrar que há um

desequilíbrio gritante no escalonamento hierárquico das Três Armas.

Como em outros setores governamentais, os brancos sempre dominaram as patentes mais elevadas, em detrimento da presença dos afrodescendentes, que compõem atualmente a maioria dos recrutas e da população do país. Para retomar a análise do então presidente FHC, trata-se de uma situação que “não tem cabimento”.

A doutrina constitucional e a dinâmica democrática tem tornado a sociedade brasileira mais justa. Desse modo, a Constituição decreta que “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza” (art. 5º), e completa o preceito com as políticas afirmativas, determinando a “proteção do mercado de trabalho da mulher, mediante incentivos específicos, nos termos da lei” (art. 7º § 20).

Consoantemente, a presidente Dilma Rousseff promove a nomeação de mulheres nos altos cargos, numa política pública para ninguém botar defeito.

De seu lado, o Judiciário e o Legislativo têm procurado corrigir as desigualdades herdadas do passado para reforçar a democracia. No mês de abril, o Supremo Tribunal Federal decidiu, unanimemente, que as cotas raciais nas Universidades estavam em conformidade com a Constituição.

Como é notório, o STF é raras vezes unânime em seus julgamentos. A concordância dos ministros sobre matéria tão controversa, e combatida pela grande maioria dos editorialistas, conferiu mais peso ainda à decisão, que tornou-se jurisprudência.

Após longo estudo, o STF reconheceu que existe no Brasil discriminação étnica estrutural – embora não inscrita nas leis –, que as universida-

des públicas tem o direito constitucional de combater.

Na sequência, o Congresso aprovou a lei que reserva 50% das vagas das universidades federais para estudantes de escolas públicas. Metade das cotas, ou 25% das vagas, vai para estudantes cujas famílias tenham renda até 1,5 salário mínimo. Os outros 25% das vagas são reservados aos estudantes negros, pardos ou indígenas. Persistem dúvidas sobre a aplicação da lei no Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), que depende do Ministério da Defesa.

Independentemente das Academias Militares, os oficiais superiores estão cada vez mais envolvidos na política externa. Aliás, o LBDN registra a frequente “participação articulada de militares e diplomatas em fóruns internacionais [...] na tarefa de defender, no exterior, os interesses brasileiros”.

Cedo ou tarde a branquitude do oficialato entrará o papel internacional das Forças Armadas. O acomodamento nacional – tão bem resumido na frase “Imagina na Copa!” – pode continuar esperando que as coisas, na hierarquia militar e alhures, evoluam a partir de críticas externas.

A frase citada acima, e seu complemento carioca “Imagina na Olímpiada!”, tem duplo sentido. O significado imediato mostra que se está apreensivo com a chegada de tanta gente de outros países. Menos óbvio, o segundo sentido deixa entender que se espera uma melhoria nos serviços públicos, na telefonia celular, nos aeroportos. Assim, o bordão “Imagina na Copa!” revela também um comportamento acomodado e subalterno: já que os cidadãos (brasileiros) não impõem respeito, vamos tirar

proveito do respeito imposto pelos consumidores (estrangeiros).

Como sucedeu no Itamaraty, o apelo à representação multiétnica, à aproximação entre o rosto multicolorido dos recrutas e o rosto dos oficiais superiores, poderá também vir de fora para dentro, das parcerias militares desenvolvidas com países do Caribe e da África, e até com a 4ª Frota americana.

Não obstante, no seu discurso de posse, Celso Amorim fez uma afirmação que indicava sua intenção de não aceitar acomodamentos e subalternidades. De fato, na sua fala, Amorim propôs uma gestão mais democrática no Ministério da Defesa: “Devemos valorizar a discussão de temas como direitos humanos, desenvolvimento sustentável e igualdade de raça, gênero e crença”. Tais temas não sofrem contestação nas Forças Armadas.

Salvo a discussão do tema da igualdade de raça. Tão presente na sociedade brasileira, tão ausente no “Livro Branco da Defesa Nacional”.

O “Livro Branco da Defesa Nacional” não aborda um problema importante: a discriminação racial não escrita que exclui negros e mulatos do alto oficialato. No Extremo Oriente, o retrato do oficialato brasileiro, apresentado como um corpo militar multiétnico, ganhou verossimilhança. No Extremo Ocidente é outra história. Cedo ou tarde a branquitude do oficialato entrará o papel internacional das Forças Armadas. Como no Itamaraty, o apelo poderá vir de fora para dentro. ■

*Luiz Felipe de Alencastro, professor titular da cátedra de História do Brasil na Universidade Sorbonne e professor convidado da FGV-SP, é autor de “O Trato dos Virentes” (Companhia das Letras). Artigo publicado no jornal Folha de São Paulo, 2/09/2012.

COLÉGIO ZUMBI DOS PALMARES.

Preparando profissionais, formando cidadãos.

Criado com o apoio e parceria do Centro Paula Souza, do Senai-SP e do HCor – Hospital do Coração, o Colégio da Cidadania Zumbi dos Palmares oferece ensino técnico e gratuito de qualidade, inclusão profissional e desenvolvimento humano e social a jovens e adultos de baixa renda na cidade de São Paulo: mais integração, mais oportunidade, mais participação.

**Educação forjando liberdade.
E cidadania.**

Iniciativa:

Parceiros:



CENTRO PAULA SOUZA

GOVERNO DE SÃO PAULO

SENAI

HCor

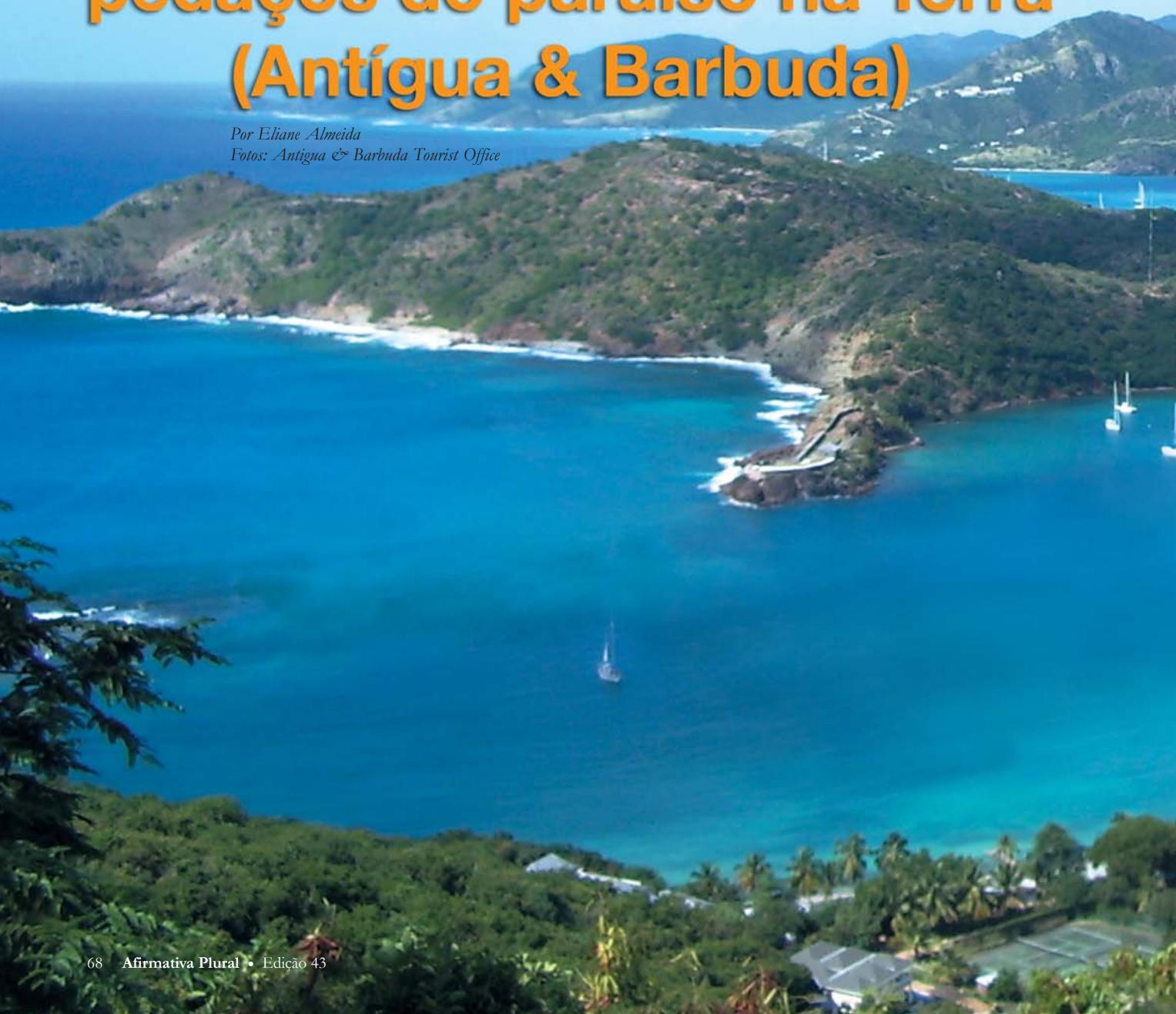


ZUMBI DOS PALMARES
COLÉGIO DA CIDADANIA ZUMBI DOS PALMARES
SÃO PAULO - BRASIL

Wadadli e Wa'OMoni, pedaços do paraíso na Terra (Antígua & Barbuda)

Por Eliane Almeida

Fotos: Antigua & Barbuda Tourist Office







tiga”, em homenagem ao milagre da Santa na Catedral de Sevilha, na Espanha, na mesma época. Tendo sua colonização acontecido a partir de St. Kitts, em 1666, Barbuda ganhou esse nome por um erro do cartório do registro de terras. Seu nome deveria ser Barbado, mas o escrivão errou e permaneceu Barbuda.

País independente, de colonização inglesa e de população predominantemente negra, ainda tem arraigado os costumes de uma sociedade criada a partir da servidão. Formada pelas duas ilhas que dão nome ao país, Antígua e Barbuda tem na primeira toda a infraestrutura econômica e administrativa. Na segunda todo o glamour e luxo que os milionários e a realeza inglesa adoram.

Antígua teve a mais sangrenta

Ao buscarmos informações sobre destinos de viagem, o Caribe é por vezes o lugar dos sonhos. Mares verdes azulados e areias brancas nos fazem imaginar pedaços do paraíso na Terra. Mas a verdade é que toda a região do Mar do Caribe é um grande berçário de beleza natural e única. É possível perceber, ao observar os fortes e igrejas, a história ainda recente da colonização. É quase palpável o gosto “spice” dos seus idiomas e costumes legados de seus antepassados africanos.

Assim é Antigua e Barbuda. Os primeiros habitantes ameríndios chamavam as ilhas de Wadadli e Wa’ Omoni. Descoberta por Cristóvão Colombo em 11 de novembro de 1493, a maior ilha do país recebeu o nome cristão de “Santa Maria la An-

história de colonização do Caribe. Os índios caraíbas, habitantes originais, foram dizimados. Aqueles que sobreviveram enfrentaram os perigos de atravessar o mar em jangadas e tentaram reconstruir suas tribos nas ilhas mais próximas. Tentaram, pois nas ilhas o processo de colonização também acontecia e o extermínio dos indígenas era primordial para que a coroa britânica pudesse governar tranquilamente. Quanto ao escravos africanos, a média de vida era de dois anos, tamanha era a violência inglesa.

Praia para todos os dias do ano

Imagine poder escolher uma praia para cada dia do ano. Este normalmente é o dilema de quem escolhe Antígua como destino de viagem. Com 365 praias ao redor da ilha com mar de um azul intenso, areias brancas, águas calmas boas para o nado e mergulho, a dificuldade é escolher para qual delas ir.

Quer conhecer os points mais frequentados? Segue a indicação: Coco-point Beach, Fryers Bay Beach, Deep Bay Beach, Long Bay Beach, Dicker-son Bay, Beach Sunset, Mamora Bay, Soldier Bay e Runaway Beach.

Cassinos e Night Clubs garantem a diversão

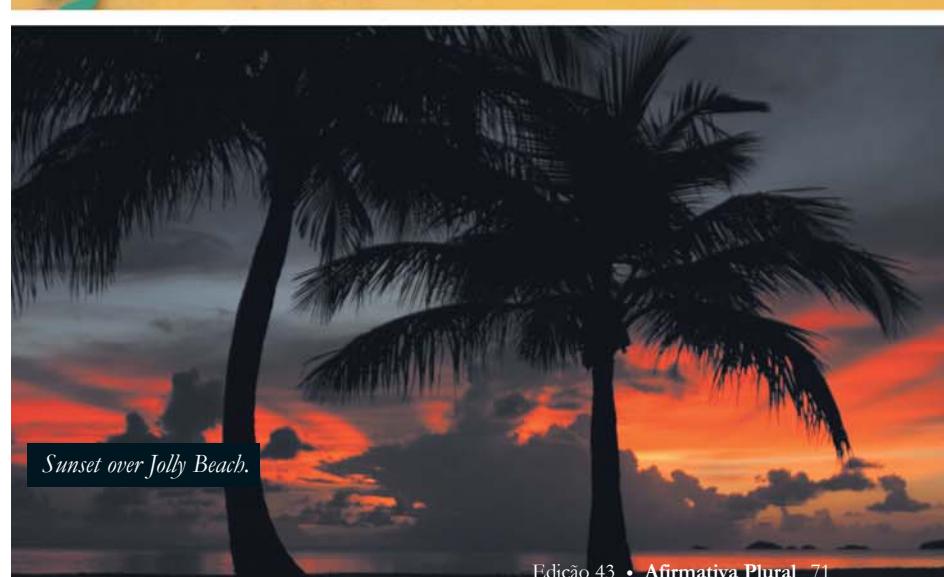
Ao som de Soca Music, Dancehall, Zouk, Salsa e Merengue, as noites caribenhas são bastante animadas. Com cinco cassinos, Antígua garante diversão de qualidade. Além dos jogos, os cassinos oferecem espaços para dança e em alguns é possível cantar nos videokê. As músicas em inglês, espanhol e português dão conta de mostrar a preocupação com a questão multicultural. O objetivo é atender bem e deixar todos felizes.



Praia Antigua.



Casario em St Johns.



Sunset over Jolly Beach.

*Mergulho em Green Island.**Mountain Biking.**Hobie Cats em Jolly Beach.**Caiaque em rio da floresta de Mangrove.*

Prática Esportiva

Além das belíssimas praias de mar calmo para a natação, Antígua possui uma pista de Track Field pública. Para os amantes do pedestrialismo, mania entre os brasileiros, é possível se manter em forma e ainda assistir aos treinos das equipes de atletismo que representam o país.

Para os amantes do vôlei de praia também é possível “bater uma bolinha”. As praias Jolly Beach e Castaways, in Jolly Harbour, são as mais procuradas pelos atletas e estudantes para a prática da modalidade. Para aqueles que ficam hospedados nos hotéis próximos a praia, já faz parte do pacote o acesso às quadras nas areias brancas e fofas das praias privativas.

Para aqueles que gostam de aventura é possível praticar esportes radicais como o rapel, tirolesa e longas caminhadas pelas trilhas quase selvagens das diversas montanhas que circundam a ilha. Você pode conhecer a fauna e flora na Antígua Rain Forest ou dar uma longa caminhada na Obama’s Mount.

Sendo originalmente conhecida como Boggy Peak, foi rebatizada com o nome do líder americano em homenagem ao seu mandato como primeiro presidente negro dos Estados Unidos. A caminhada pelas trilhas mais conhecidas duram de duas e meia a três horas. Em tempo de chuva, os riachos que cortam a floresta são cheios de peixes e árvores frondosas e cobertas de frutas como manga, tamarindo e aki, uma fruta local doce e muito rica em vitamina C.

Fortes e Igrejas são marcas dos ingleses

A arquitetura dos fortes e igrejas de Antígua não dão margem à dúvida

da quando o assunto é colonização. Apesar da pequena influência da França nas invasões durante o período de conquistas territoriais e do Português que pode ser percebido no Crioulo falado pelos mais velhos, a Inglaterra deixa sua marca para jamais ser esquecida.

Os fortes estão presentes em todos os países como forma de manutenção do território conquistado. De maneira bastante inteligente, a administração do Ministério do Turismo transformou o mais famoso e maior forte e porto da Ilha, Nelson's Dockyard National Park, em parque protegido pela UNESCO e criou em sua estrutura um museu que conta a história do país desde a pré-história.

As igrejas anglicanas estão por toda parte e a vida religiosa é bastante valorizada pela população. Eles guardam os domingos de festa que a Bíblia prega. Os Batistas guardam seus sábados de dedicação ao próximo. Os rastafáris fazem seus cultos saudando seu Deus Jah e agradecendo as forças da natureza.

Pedaços da História

História e natureza se misturam nos roteiros turísticos de Antígua. Belíssimas paisagens carregam pesados nomes por conta de seu papel exterminador na sociedade colonial. É o caso de Devil's Bridge e Hell's Gate. Não por acaso foram batizados com nomes que referendam o mal. Ambos os lugares, de beleza natural ímpar, tinham como função ser local de execução de criminosos que normalmente eram escravos doentes, desobedientes, fugidos e rebeldes.

Devil's Bridge (Ponte do Demônio) é caracterizada pela ponte natural de pedra e pela violência com que o

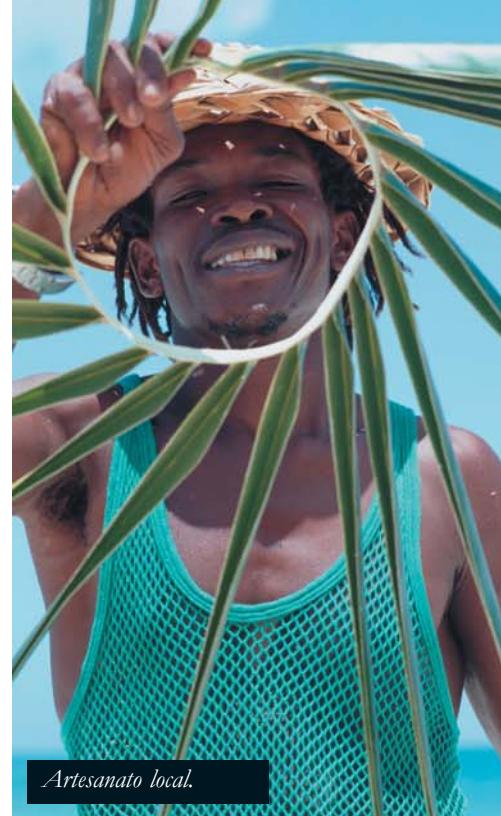
mar bate contra as paredes rochosas. O estrondo do mar nas rochas dá a impressão de ouvir vozes de homens gritando. Já Hell's Gate (Portão do Inferno) tem a característica de ser só acessível via mar. Até hoje, para conhecer essa obra de arte da natureza, a aventura marítima é o caminho.

A pequena Barbuda também guarda seus segredos

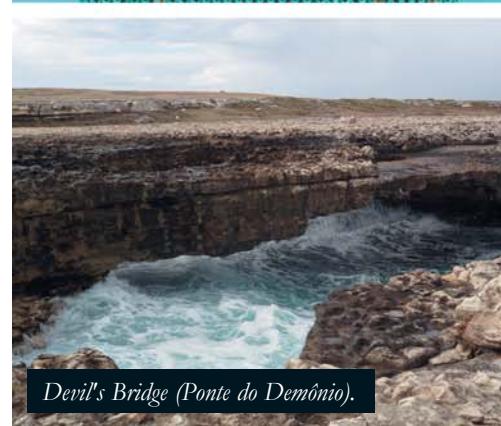
Barbuda é uma jovem senhora de 346 anos. Pequena no tamanho, mas gigante em beleza natural. Por ser tão pequena, a Wa'OMoni guarda muitas surpresas. Sendo tão pequena e pouco habitada, Barbuda tornou-se o lado rico do país. A economia baseada no turismo para classe AA atrai os mais ricos do mundo. Para chegar à ilha é possível ir de barco, que tem dias e horários irregulares, ou de helicóptero, o mais utilizado.

Diversas celebridades, como Oprah Winfrey, Mariah Carey, entre outros escolhem Barbuda como destino de viagem quando o assunto é descanso. Provida com os mais luxuosos hotéis, privacidade é a palavra chave para o sucesso dos empreendimentos no local.

De beleza natural singular, encantou a família real britânica que mantém, até os dias atuais, uma bela mansão a beira mar com praia de areia cor de rosa. A areia tem essa cor por ser formada por microscópicas conchas rosadas que dão o nome da praia: Pink Beach. Se a Princesa Diana se rendeu a esta beleza, o que diria você? Vale a pena atravessar os mares do Caribe e ver de perto tantos milagres e cores. Lá, até o por do sol é mágico! ■



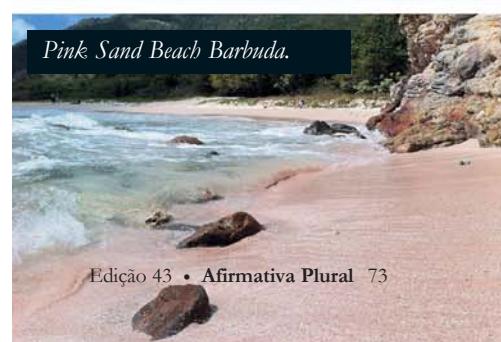
Artisanato local.



Devil's Bridge (Ponte do Demônio).



Hell's Gate (Portão do Inferno).



Pink Sand Beach Barbuda.

Gabrielle Douglas

Gabby como é conhecida, tem apenas 16 anos e já conquistou um feito histórico: a primeira ginasta negra a vencer o título individual nos Jogos Olímpicos.

Todo esforço e dificuldades enfrentados, como ter se mudado da Virginia para West Des Moines, no Iowa, quase cinco mil quilômetros de distância, para viver com uma família adotiva, para treinar com um treinador de ponta, quando tinha apenas 14 anos, foi recompensado no dia 2 de agosto de 2012. Além da realização pessoal da ginasta, os negros em todo o mundo ficaram mais orgulhosos. Antes da conquista de Gabrielle a americana Dominique Dawes, havia sido a primeira afro-americana campeã olímpica de ginástica por equipes, em 1996.

Além do ouro olímpico individual de Gabrielle, nos Jogos olímpicos de Londres 2012, a ginasta também participou da categoria em equipe pelos Estados Unidos, onde também conquistou a medalha de ouro.

A menina que iniciou na ginástica quando tinha 6 anos, ganhou o apelido de “esquilo voador”. Em Londres com estilo e serenidade, a ginasta fez uma prova extraordinária e consagrou-se como a ginasta mais completa do mundo. ■

Consciência se constrói com educação.

Fundada em 1997, a Afrobras é o resultado do idealismo e esforço de um grupo de cidadãos de todas as raças, formado por intelectuais, autoridades, personalidades, empresários, estudantes e trabalhadores, que tem por objetivo promover a inserção socioeconômica, cultural e educacional dos jovens negros na sociedade brasileira.

Desenvolvendo atividades de informação, formação, capacitação, qualificação e assessoria técnica, jurídica e política, a Afrobras destaca-se hoje como referência na busca de valorização e afirmação do negro brasileiro.

Entre suas inúmeras atividades, merecem destaque a **Faculdade Zumbi dos Palmares**, o **Colégio da Cidadania Zumbi dos Palmares**, a agência internacional de notícias **Afrobrasnews**, a revista **Afirmativa Plural**, o programa **Negros em Foco**, o **Troféu Raça Negra** e a **Medalha do Mérito Cívico Afro Brasileiro**.

Até agora foram apenas 13 anos ajudando a mudar uma história de quase 4 séculos. Sabemos que o caminho a percorrer ainda é longo, mas ele está cada vez mais livre. E plural.

Saiba mais. Acesse www.afrobras.org.br



ZUMBI DOS PALMARES

FACULDADE ZUMBI DOS PALMARES

SÃO PAULO - BRASIL

afrobras

Sem educação não há liberdade

N formas de compartilhar valor.
N de Nestlé.

PARA A NESTLÉ, COMPARTILHAR VALOR É
CONQUISTAR O RESPEITO E A CONFIANÇA
DE TODA A SOCIEDADE.



CONFIANÇA